

Universidade Católica de Goiás.
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa.
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia.

**Representação Social da Violência em Adolescentes:
da Norma Social ao Espaço do Sujeito**

Silvia Pereira Guimarães

Goiânia,
Março de 2006.

Universidade Católica de Goiás.
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa.
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia.

**Representação Social da Violência em Adolescentes:
da Norma Social ao Espaço do Sujeito**

Silvia Pereira Guimarães

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social.

Orientador: Prof.º Dr.º Pedro Humberto F. Campos.

Goiânia,
Março de 2006.

Agradecimentos

Aos meus pais, Valter e Wânia, pelo incentivo e apoio em todas as horas.

Aos meus irmãos Tiago e Renata, por estarem cada vez mais presentes na minha vida.

Ao Professor Dr. Pedro Humberto Faria Campos, pela orientação, pela confiança, por sua amizade e por tudo o que tem me ensinado ao longo desses anos de trabalho.

À Professora Dr. Denise Teles F. Campos, pela co-orientação, pelo apoio e pela amizade.

À Professora Dr.^a Zeidi Araújo Trindade, por aceitar o convite de fazer parte da banca examinadora.

À Professora Dr.^a Anita Cristina Azevedo Resende, por aceitar o convite de fazer parte da banca examinadora.

À Professora Dr.^a Ana Raquel R. Torres, pelas orientações e participação na banca de qualificação.

À Lara Dayrell e Flavia Jung, colegas psicólogas e amigas sempre presentes, pelos momentos de amizade, de companheirismo, de apoio e pelas várias histórias que vivemos juntas.

Aos colegas de mestrado André, Leandra, Gilmara, Raul, Humberto e Milton pelos momentos de estudo e informações compartilhadas, essenciais ao meu crescimento.

Aos colegas do Laboratório de Psicanálise, Thyago, Fábio, Jordana e Suraia, pelos conhecimentos partilhados, pelo apoio e pela amizade.

Ao Carlos Alexandre, pela paciência, apoio e pela colaboração na leitura deste trabalho.

Aos diretores das escolas que permitiram a realização deste trabalho.

A todos os adolescentes que gentilmente aceitaram participar desta pesquisa.

Sumário

Agradecimentos	i
Sumário	iii
Lista de Figuras	v
Lista de Quadros	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Introdução	01
Capítulo 1 – Violência, sociedade e subjetividade	05
1.1 – Concepções de violência: do indivíduo à sociedade	06
1.2 – Violência e modernidade	15
1.2.1 – Modernidade e sociabilidade violenta	18
1.2.2 – Banalização da violência e juventude	24
Capítulo 2 – Adolescência, violência e representação social	28
2.1 – Representação social e gestão simbólica da violência	28
2.2 – Adolescência e violência	37
Capítulo 3 – Violência e adolescência: dois estudos empíricos	45
3.1 – Estudo 1: Representação social da violência em adolescentes	46
3.1.1 – Uma perspectiva posicional	47
3.1.2 – Uma análise dos episódios de violência	69
3.1.3 – Discussão dos resultados	84
3.2 – Estudo 2: Subjetividade e violência em adolescentes	85
3.2.1 – Estudo de caso 1	87
3.2.2 – Estudo de caso 2	95

Conclusão	105
Referências Bibliográficas	110

Lista de Figuras

Figura I – Campo comum da representação social da violência elaborada por adolescentes, organizado em seis classes	49
Figura II – Plano fatorial contendo a projeção das classes e variáveis analisadas no estudo da representação social da violência em adolescentes	56

Lista de Quadros

Quadro I – Categorização dos episódios de violência que apresentam adolescentes como agentes	61
Quadro II – Categorização dos episódios de violência que apresentam familiares das vítimas como agentes	71
Quadro III – Categorização dos episódios de violência que apresentam policiais, criminosos e outros como agentes	76

Resumo

A noção de violência remete a um abuso, a um excesso, que se verifica no interior das relações de poder. Trata-se da expressão da imposição das necessidades, expectativas e vontades de um ator social sobre as necessidades, expectativas e vontades de outro ator. Na sociedade contemporânea a violência é marcada pela banalização e pelo grande envolvimento de jovens tanto no papel de vítimas quanto de agressores. O presente trabalho teve como objetivo estudar a representação social da violência em adolescentes e o papel ativo que eles desenvolvem enquanto sujeitos de uma gestão simbólica desse fenômeno. Nesse sentido, foram realizados dois estudos através de entrevistas com adolescentes estudantes de escolas públicas de Goiânia. Os dados do primeiro estudo foram submetidos a uma análise lexicográfica e de categorias enquanto que os dados do segundo estudo foram submetidos a uma análise interpretativa do tipo ‘estudo de caso’. Os resultados obtidos apontam para o reconhecimento do valor social da força e para a existência de um modelo de sociabilidade violenta.

Abstract

The notion of violence leads to an abuse, an excess that is verified in the interior of power relations. That is about the expression of the imposition of a certain social actor's necessities, expectations and wills on another actor's necessities, expectations and wills. In the contemporary society violence is characterized by banalization and great involvement of the young, both in the role of victims and aggressors. The present work had the objective to study the social representation of the violence in adolescents and the active role they take part as subjects of a symbolic management of this phenomenon. In this direction, two studies were carried through interviews with adolescent students of public schools of Goiânia. The data of the first study were submitted to a lexicographical and categorical analysis while the data of the second study were submitted to an interpretative analysis in the "case study" kind. The results point to the recognition of the social value of force and to the existence of a model of violent sociability.

Introdução

Atualmente a violência mostra-se presente nos mais diferentes contextos da sociedade brasileira e ocupa um lugar de grande destaque na vida cotidiana das pessoas. Em suas múltiplas formas de manifestação, a violência é reconhecida como um grave problema social cuja complexidade a torna um desafio para estudiosos das mais diversas áreas.

Caracterizando-se como um fenômeno recorrente, multifacetado e multicausal, a violência assume uma configuração própria de acordo com o contexto, a cultura e o momento histórico em que é produzida. Trata-se de um fenômeno que nas sociedades ocidentais contemporâneas é marcado pela banalização, pelo grande envolvimento de jovens e por caracterizar-se como o elemento central de um novo modelo de sociabilidade.

O crescente envolvimento de jovens, em especial adolescentes, com a violência, tanto no papel de vítimas quanto no de agressores, assim como o aumento da “gravidade” das práticas violentas, é um dado de grande relevância e que suscita vários questionamentos. A adolescência enquanto fenômeno cultural caracterizado por um período psicossociológico bastante específico, deve ser analisada a partir de sua dinâmica interna e de seus elementos simbólicos. São estes elementos do “processo adolescente” que encontram expressão na realidade social e vão ao encontro da violência.

A adolescência configura-se para o sujeito como um período marcado por um processo excludente de não reconhecimento e consolidação simbólica no meio social. Essa é uma etapa do desenvolvimento em que atingir a maturidade orgânica não significa ter a maturidade reconhecida simbolicamente. Na sociedade

contemporânea este reconhecimento encontra-se atrelado à independência econômica, profissional e, a partir daí, sexual. Desse modo, a privação de reconhecimento simbólico no espaço social torna-se para o adolescente um convite à violência e à delinquência.

A violência é um fenômeno social complexo que suscita representações. Trata-se, portanto, de um objeto que deve ser compreendido a partir das condutas e práticas humanas que lhe dão suporte, em conjunto com os sistemas simbólicos que lhe conferem sentido. Assim, o sistema representacional que atua na gestão simbólica da violência funciona como um sistema de referências, dando sentido às condutas e possibilitando a compreensão da realidade social. Nesse sentido, é a partir de uma gestão simbólica da violência que o adolescente, em face de uma rede de representações, seleciona ativamente alguns elementos e elimina outros, marcando assim um espaço de manifestação de sua subjetividade.

Existe uma inquestionável relação entre as práticas e as representações sociais. Segundo a teoria formulada por Moscovici (1978), uma representação social apresenta-se como um sistema de interpretação da realidade, que organiza as relações do indivíduo com o mundo e orienta suas condutas e comportamentos no meio social. Enquanto teorias práticas organizadoras da ação, os elementos da representação social de violência produzida por adolescentes encontram-se na base das práticas deste grupo em relação à violência. A teoria das representações sociais apresenta-se, portanto, como uma teoria chave para a abordagem dos elementos que atuam na gestão simbólica da violência em adolescentes, e que estão na base das relações que se estabelece com o mundo, o modo de percebê-lo e atuar sobre ele.

Nesse sentido, este trabalho apresenta um estudo descritivo que procura compreender a representação social da violência em adolescentes e sua participação

em episódios de violentos. Assim, a partir da perspectiva da teoria das Representações Sociais, busca-se estudar as manifestações de violência que envolvem adolescentes e o papel ativo que eles desenvolvem enquanto sujeitos de uma gestão simbólica dessa violência.

No que se refere à metodologia deste trabalho, foram realizados dois estudos. O primeiro estudo é composto por uma análise lexicográfica seguida de uma categorização dos episódios de violência relatados por dez adolescentes entrevistados. A análise lexicográfica dos dados textuais obtidos através das entrevistas teve como objetivo conhecer o campo comum de referência da representação social da violência, enquanto que a categorização dos episódios de violência buscou analisar os aspectos da sua banalização, assim como verificar a existência de um padrão de atuação dos sujeitos nos episódios de violência.

O segundo estudo é composto por uma análise interpretativa de duas entrevistas realizadas com adolescentes. Esta etapa da pesquisa teve como objetivo entender a origem e desenvolvimento do episódio violento e compreender a participação do sujeito enquanto tal nos eventos de violência que envolve os adolescentes. Trata-se de uma tentativa de desvendar em que medida a construção do episódio violento faz parte de uma norma social ou se está mais relacionada a uma marca da subjetividade do sujeito.

A fim de melhor estruturar este estudo, esta dissertação está dividida em três capítulos, além dessa introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo faz uma reflexão teórico-conceitual da violência e suas várias perspectivas de abordagem. Esse capítulo também traz uma contextualização da violência na modernidade, traçando um panorama geral deste período, apontando para a existência de um modelo de sociabilidade violenta e para a banalização da violência.

O segundo capítulo traz a Teoria das Representações Sociais como perspectiva teórica que possibilita uma análise da violência a partir de seus elementos simbólicos e suas expressões, além de apresentar a fase da adolescência e sua proximidade com a violência. O terceiro capítulo apresenta dois estudos empíricos acerca da representação social da violência sendo o primeiro estudo uma análise lexicográfica seguida de uma categorização dos episódios de violência, já o segundo estudo contém uma análise interpretativa realizada a partir de duas entrevistas com adolescentes. Por fim, a partir da teoria das representações, do contexto moderno em que se situa a violência aqui estudada e dos estudos mostrados anteriormente, são apresentadas as considerações finais deste trabalho.

Capítulo 1 – Violência, Sociedade e Subjetividade

A violência tornou-se atualmente um importante tema de debate nacional, atraindo a atenção de estudiosos de diversas áreas, de segmentos sociais direta ou indiretamente envolvidos com ela e da população de um modo geral. Fonte de preocupação e inquietação, a violência se mostra presente nas ruas, dentro das casas, nas escolas, nas empresas, na mídia etc., enfim, nos mais diversos ambientes e contextos de interação social, ocupando um lugar privilegiado na vida cotidiana das pessoas e contrariando todas as expectativas de civilidade e de solidariedade.

Sem dúvida alguma, a violência é um fenômeno complexo e difícil de equacionar. É quase impossível apontar uma origem única para tal fenômeno, diante da multiplicidade de motivos e formas como ele se manifesta. Antes disso, a gravidade e urgência das situações brasileira e mundial indicam que essa generalização da violência é sintomática. Ela se caracteriza como um tipo de linguagem, que é a expressão dos conflitos de poder, da cultura individualista, da subjetividade instrumental, e do sofrimento psíquico e social experimentado pelas sociedades ocidentais modernas (Pereira *et al.*, 2000). Diante disso nota-se a necessidade de se lançar um olhar crítico sobre a violência, percebendo-a para além da esteticização e naturalização que a acompanha, e reconhecendo-a como tal, despida de quaisquer atributos que a desconfigure.

Apesar do grande destaque adquirido no final do último século, a violência não pode ser considerada uma problemática recente ou presente em contextos isolados. Trata-se de um fenômeno recorrente e sistemático, com origem em tempos remotos, cujas primeiras manifestações documentadas no Brasil remetem à época colonial, a partir do genocídio indígena e da escravidão, e que vem assumindo configurações

específicas conforme o período histórico. Pode-se dizer que, de uma forma geral, a violência tem acompanhado o desenvolvimento das sociedades e a história da humanidade.

Em suas múltiplas formas de manifestação, a violência deve ser compreendida sempre como um fenômeno social (Campos, Torres e Guimarães, 2004; Moser, 1991; Velho, 2000). Ela existe num determinado contexto e se efetiva na relação com o outro. Trata-se de uma “interação” entre indivíduos situados em uma dada estrutura social, ocupando papéis sociais e orientados por valores que definem e modelam as possibilidades dessa interação. Daí parte a perspectiva de análise da violência enquanto dado cultural e societário, cujas manifestações variam de acordo com o contexto sociocultural e são dotadas de valores complexos e diversificados. Apesar das dificuldades de delimitação conceitual, parece consensual entre os pesquisadores a concepção de violência enquanto fenômeno multifacetado que assume formas e sentidos variados, em conformidade com o momento histórico e a cultura em que ele é produzido.

1.1 – Concepções de Violência: do Indivíduo à Sociedade

A perspectiva biológica da violência

A noção de violência no senso comum está freqüentemente associada à manifestação de truculência, ao uso e intensidade da força bruta, à agressão física, coação etc. Essas características, de certo modo, apresentam relação direta com a etimologia do termo *violência*. Essa palavra tem sua origem no latim *violentia*

(Houaiss, 2001), e significa violência, impetuosidade (do vento) e ardor (do sol); arrebatamento, caráter violento; ferocidade, sanha; rigor, severidade.

Em função de sua relação com o uso da força, a violência comumente foi reduzida a noções que a associaram somente ao uso da força ou de coação contra alguém, desconsiderando os aspectos simbólicos e contextuais. Dentre as várias possibilidades de abordagem do fenômeno, as teorias que consideram a violência como um comportamento instintivo e inerente ao ser humano, fazem da agressividade instintiva, do “componente animal do homem”, a causa da violência. Segundo Dadoun (1998), a violência não só é inerente, como é parte fundamental e estruturadora do homem. Sendo o extermínio uma das práticas características do *homo sapiens* ao longo da existência, a violência seria considerada um traço primordial da espécie humana, que poderia ser definida como *homo violens*. Através da apresentação do percurso da violência ao longo da história, esse autor encontra nos aspectos biológicos a justificativa para a violência na atualidade.

A perspectiva biologicista privilegia as explicações individuais para a violência e a criminalidade. A partir do pressuposto da existência de uma “violência original”, comum a todos os seres humanos, as práticas violentas estariam ancoradas em atributos da personalidade ou estruturas individuais. Assim, as diferenças individuais seriam responsáveis pela emergência ou não de comportamentos violentos.

Vale notar que o argumento biológico sobre a natureza da violência apresenta grande tradição nos meios acadêmicos e no pensamento do senso comum, e apóia-se em observações etológicas que aproximam os comportamentos humanos e animais. Baseia-se fundamentalmente na premissa de que a violência é produto da conduta humana, movida pelo instinto e não pela razão. Daí deriva-se a idéia, bastante difundida, que considera a violência como expressão de uma irracionalidade.

Costa (2003), em sua obra intitulada *Violência e Psicanálise*, apresenta algumas considerações que questionam a validade do argumento biológico. O autor assinala, por exemplo, a redundância presente no argumento biológico, uma vez que “o homem se comporta como um animal porque é um animal”; nesse sentido, semelhanças comportamentais entre seres humanos e animais não-humanos são óbvias.

Outra consideração do autor diz respeito à inconsistência do argumento no que se refere à irracionalidade da violência. O comportamento violento, mesmo emocionalmente orientado, não exclui a participação da razão. O ser humano pode agir “levado pela emoção” e com violência, sem que isso signifique uma ausência de razão. Além disso, apesar do caráter irracional que a violência pode exibir – ser destituído de motivo ou ser deslocado de objeto, por exemplo – esta sempre levará consigo a marca de um desejo.

Violência é o emprego desejado de agressividade, com fins destrutivos. Esse desejo pode ser voluntário, deliberado, racional e consciente, ou pode ser inconsciente, involuntário e irracional. A existência desses predicados não altera a qualidade especificamente humana da violência, pois *o animal não deseja, o animal necessita*. (grifos do autor) (Costa, 2003, p.39)

Uma importante crítica ao argumento biológico tem como embasamento outro tipo de consideração: a repercussão moral deste raciocínio. A aceitação da violência enquanto condição natural do existir humano termina por banalizá-la, trivializá-la (Costa, 2003; Sawaia, 2004). Do ponto de vista da ética, a legitimação dessa concepção torna-se um estigma, uma marca difícil de ser removida e que, em determinados contextos, pode tornar-se um instrumento de perpetuação da violência.

Tendo em vista as controvérsias e debates em torno desta perspectiva, e buscando ampliar as características e a aplicabilidade do conceito de violência ligada à noção de agressão, Michaud (2001), em sua obra clássica intitulada *A Violência*, afirma que:

(...) há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (p.10-11)

Segundo essa percepção, a violência se instaura a partir de uma relação agressão/vitimização, em que um agressor provoca dano ou prejuízo (que pode ser de natureza física, moral, psicológica, política ou econômica) a um vitimizado. Nota-se, contudo, que essa tentativa de definição não faz referência à intencionalidade do ato violento, aspecto considerado por Pinheiro e Almeida (2003) como central para a sua caracterização enquanto tal. Segundo estes autores, para que um evento seja definido como uma manifestação violenta deve-se considerar, principalmente, a intenção ou não de provocar danos/prejuízos à vítima.

A violência como excesso

Em uma perspectiva para além do dano causado, seja ele intencional ou não, está a concepção de violência que remete a um excesso, a um abuso, a uma desmesura, e que, portanto, faz referência a uma norma (Tavares dos Santos, 1999; 2004; 2002; Zaluar, 1999). Nesse sentido, o uso da força torna-se violência “quando

ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica” (Zaluar, 1999, p.8).

Em suas reflexões sobre a violência, Tavares dos Santos (2004) busca compreender a violência presente nos diferentes conjuntos relacionais, tomando-a como “um ato de excesso, qualitativamente distinto, que se verifica no exercício de cada relação de poder presente nas relações sociais”(p.8). Assim, a força, a coerção e o dano são percebidos como formas de violência enquanto ato de excesso presente tanto nas estratégias de dominação do poder soberano quanto nas redes de micropoder entre grupos sociais.

Para este autor, a violência não se encontra necessariamente articulada ao uso de instrumentos de força bruta e não há uma fronteira que desassocie a violência física, a qual se impõe pelo excesso de força corporal ou armada, e a violência simbólica, a qual exclui e domina por meio da linguagem. Desse modo considera a violência

(...) como um dispositivo de excesso de poder, uma prática disciplinar que produz um dano social, atuando em um diagrama espaço-temporal, a qual se instaura com uma justificativa racional, desde a prescrição de estigmas até a exclusão, efetiva ou simbólica. Essa relação de excesso de poder configura, entretanto, uma relação social inegociável porque atinge, no limite, a condição de sobrevivência, material ou simbólica, daqueles que são atingidos pelo agente da violência (Tavares dos Santos et al., 1998, citado por Zaluar e Leal, 2004, p.148).

A noção de violência cobre, portanto, uma vasta gama de eventos e fenômenos nos quais o ato violento é a expressão da imposição das necessidades, expectativas e vontades de um ator social sobre as necessidades, expectativas e vontades de outro

ator. Nesse sentido, diversos autores (Tavares dos Santos, 1999; 2004; Sawaia, 2004; Velho, 2000; Wierviorka, 1997; Zaluar e Leal, 2001) reconhecem a violência como a expressão de um conflito no interior de uma dinâmica de poder.

A perspectiva estruturalista da violência

Em uma outra perspectiva estão as abordagens que associam o fenômeno da violência à pobreza e à miséria. Utilizando-se do conceito de violência estrutural, esta leitura supõe que os mecanismos desencadeadores da violência estão contidos no próprio modo de organização do sistema capitalista, em sua estrutura de exploração, dominação e exclusão. Denunciando a imensa disparidade de concentração de renda entre as diferentes classes sociais e a inexistência ou ineficácia das políticas públicas que garantam minimamente o acesso à saúde, moradia, emprego, educação e lazer, a violência surge como um tipo de reação das camadas subalternas à injustiça social.

Tratando-se de um debate suscitado inicialmente pela esquerda e pelos primeiros defensores dos direitos humanos, esta ótica da violência foi duramente criticada em função do estabelecimento de uma associação direta entre pobreza e violência. Com frequência esta perspectiva encontra simplificações que a reduzem a uma associação causal, mecânica, sugerindo que onde se encontrasse um “meio desfavorecido”, encontrar-se-ia um “meio violento”.

Adorno (2002) aborda a temática da violência e da exclusão socioeconômica e apresenta uma série de dados que reafirmam as enormes disparidades econômicas e sociais existentes na sociedade brasileira e sua associação com a violência. O autor aponta, por exemplo, que mapas da violência, realizados em algumas capitais

brasileiras na década passada, indicavam que as taxas de homicídios eram flagrantemente mais elevadas nos bairros periféricos das grandes cidades, que apresentavam precária qualidade de vida e *déficits* sociais e de infra-estrutura urbana, do que nos bairros que compõem o cinturão urbano melhor atendido por infra-estrutura. Assim, nos bairros que concentram a população urbana de baixa renda haveria uma “maior predisposição para desfechos fatais em conflitos sociais, interpessoais e intersubjetivos”(p.112).

Estudos que abordam o fenômeno da violência a partir dos aspectos econômicos e de infra-estrutura urbana apresentam grande importância em contextos de exacerbada desigualdade social, tal como verificado no Brasil. Contudo, a possibilidade de estabelecimento de uma relação direta entre miséria e violência deve ser analisada de forma bastante cautelosa. As tentativas de atribuir ao fenômeno da violência uma única causa mostram-se pouco fecundas e pouco generalizáveis. Pode-se afirmar que essa tentativa tem sido preterida em relação à uma perspectiva multicausal para o fenômeno da violência.

Obviamente, os impactos da pobreza nas relações e contexto de violência são inquestionáveis. Condições precárias de vida, desemprego, falta de acesso à saúde, educação e bens de consumo básicos favorecem a constituição de um ambiente social e familiar conflituoso e, em consequência, violento. Porém, somente a pobreza e as condições de vida a ela associadas não são suficientes para explicar isoladamente o fenômeno da violência (Velho, 2000; Zaluar, 2000).

Em uma revisão acerca das estatísticas de mortalidade por causas externas, com ênfase nos óbitos por homicídios, compiladas pelo Ministério da Saúde, Zaluar, Noronha e Albuquerque (1994) confrontam esses dados com os da distribuição da pobreza no país e dos fluxos migratórios. Os resultados dessa análise mostram que

os Estados brasileiros onde se encontram os maiores contingentes de pobres e miseráveis do país, são também os que apresentam as menores taxas de mortes violentas e homicídios. A partir dessa constatação os autores pontuam a inexistência de associação causal entre as taxas de mortalidade por homicídios e a pobreza. No entanto, vale ressaltar que ainda são grandes as discussões e que este debate parece estar longe de ser concluído.

Violência centrada na noção de sujeito

Dentre as várias abordagens possíveis do fenômeno da violência, encontramos ainda a perspectiva que tem como foco central a noção de sujeito. Essa perspectiva não busca afastar sistematicamente as outras abordagens do fenômeno, porém, busca localizar estes pontos de vista em um contexto mais amplo, no qual sejam paralelos ou até mesmo subordinados à noção de sujeito.

Segundo Wieviorka (2004) a noção de sujeito sustenta-se na capacidade de construir-se a si próprio, proceder a escolhas e produzir sua própria existência. Trata-se de um conceito ligado ao caráter criativo do agir humano e que engloba tanto a capacidade de comprometer-se como também de libertar-se. Contudo, vale notar que o sujeito em questão não é um “életron libre” cuja trajetória escapa a qualquer interdição, norma ou relações destituídas de escolha. O sujeito existe apenas na capacidade de viver plenamente as relações.

Nesse sentido, o autor formula a idéia de que “a violência é freqüentemente, pelo menos parcialmente, pelo menos originalmente, a marca de um sujeito

contrariado, proibido, impossível ou infeliz¹” (Wieviorka, 2004, p.24). É a marca de uma pessoa que foi, ela mesma, vítima de uma violência.

Seguindo esta linha de análise, o autor afirma que a violência urbana, ligada à frustração pelo não acesso aos bens materiais ou a um reconhecimento simbólico, ligada à discriminação e ao racismo, ou ainda ligada ao sentimento de abandono ou ressentimento em relação às instituições e ao Estado, é melhor compreendida quando tomada a partir da noção de sujeito. Aqui a violência urbana é percebida em função de uma recusa de subjetividade, de um não reconhecimento que contribui para a construção de uma subjetividade também impossível ou infeliz.

O ponto de vista das vítimas da violência também é um aspecto destacado por Wieviorka (2004). Tratando-se de uma característica da sociedade moderna, uma sensibilidade em relação às vítimas da violência tem ganhado amplitude mundial e traduz-se em ações humanitárias promovidas por instituições de diversas naturezas.

Nota-se atualmente um princípio de mudança de olhar em relação às vítimas. Estas não são apenas mortos e feridos contabilizados administrativamente. Estas vítimas são “sujeitos atingidos, de forma mais ou menos intensa, em sua integridade física ou moral, privados parcial ou integralmente, da capacidade de construir sua própria existência.²” (Wieviorka, 2004, p.43).

Assim, segundo esse autor, as reflexões acerca das possíveis soluções para a violência devem ser pensadas sempre em referência ao sujeito, quer se trate do ator ou da vítima. As saídas devem implicar um reconhecimento mútuo de que o outro é também sujeito, bem como a intervenção de um princípio que transcende a oposição dos atores face a face, seja esse princípio ético, moral, político ou, até mesmo, econômico.

¹ (tradução da autora deste texto)

² (tradução da autora deste texto)

1.2 – Violência e Modernidade

Há uma grande variedade de abordagens e concepções que buscam contemplar o fenômeno da violência, cada uma com sua quota de contribuição e com limites mais ou menos abrangentes. Contudo, salta aos olhos um aspecto comum entre todas elas: sua valoração negativa.

É possível notar que a tomada da violência enquanto objeto de valor positivo, quando inscrito na lógica marxista como objeto legítimo e essencial da luta de classes, tem sido progressivamente abandonada no espaço intelectual e político. No início do século, uma violência purificadora e libertadora do proletariado foi festejada por Sorel (1992), para quem esta desempenha um papel criativo fundamental capaz de possibilitar uma fragilização da burguesia e a criação de um novo tipo de sociedade. Se antes a violência podia ser justificada, compreendida, teorizada ou sustentada dentro de uma tradição revolucionária, anarquista ou marxista-leninista como instrumento de luta e de resposta aos abusos e atrocidades cometidas pelo poder ditatorial ou autoritário (Wieviorka, 1997), atualmente “o fenômeno é necessariamente a marca do que é preciso recusar, e o consenso é muito grande”(p.08).

A violência (principalmente a política), antes detentora de um sentido, com o enfraquecimento político dos ideais marxistas passa a ser condenada antes e independentemente de uma tentativa de apreender sua lógica. Questionando esta visão, Gonçalves (2003) critica a apreensão da violência como mero ato destrutivo e a concebe como ato de produção de sentido. Assim a violência

(...) equivaleria a um discurso por intermédio do qual, e malgrado a validade dos meios que usa, produz ou ao menos visa produzir uma transformação sobre

o meio em que se inscreve, ou mesmo uma recuperação da continuidade rompida nas sociedades complexas (Gonçalves, 2003, p.50).

Segundo a autora, os sentidos da violência não se esgotam na representação dominante de valoração negativa. Essa restrição de sentido à irracionalidade e ao ato de destruição pouco contribui para a compreensão do fenômeno e tentativas de gerenciamento, servindo apenas como justificativa para a exclusão de seus autores. Assim, apresenta-se de fundamental importância buscar compreender as demandas que motivam os atos violentos e que alimentam novas formas de manifestação.

Na tentativa de melhor compreender a presença da violência no contexto atual torna-se necessário lançar um olhar crítico sobre a contemporaneidade. Nesse sentido, trata-se de abordar as mudanças no estilo de vida, na organização política, econômica, social e cultural vivenciadas pelas sociedades ocidentais, buscando compreender como se dá a inscrição do fenômeno da violência neste contexto. Assim, a partir de uma exploração da organização da sociedade capitalista frente às transformações recentes pode-se compreender o “lugar” da violência na realidade cotidiana. Este momento, na visão de Giddens (1991) comumente chamado “equivocadamente” de pós-modernidade, compreende o momento mais recente da modernidade (especialmente a partir do século XX), quando se observa uma radicalização das mudanças experimentadas a partir do início deste período, ou seja, a contemporaneidade vive um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes. Segundo Giddens (1991), a sensação de estar vivendo um período de transição, um período que ultrapassa a já conhecida *modernidade*, surge a partir das várias “descontinuidades” que marcam a história da humanidade. O grande diferencial no atual momento histórico seria a extensionalidade (no sentido de estabelecer formas

de interconexão social que cobrem o globo) e a intensionalidade (no sentido de provocar alterações nas mais íntimas e pessoais características da existência cotidiana) das transformações.

Assim, a realidade que vivenciamos hoje resulta de um processo de transformação socioeconômica-política-social das sociedades capitalistas ocidentais, que deixou marcas profundas nas vidas cotidianas dos indivíduos. As modificações experimentadas pelas sociedades contemporâneas, marcadas pela expansão da economia de mercado, pela incorporação do conhecimento científico e tecnológico à produção industrial, pelos acordos de integração econômica supranacionais e regionais, pelo crescimento da imigração, pelo florescimento de uma cultura de massa etc. devem ser consideradas como um processo complexo que atua de maneira contraditória, produzindo conflitos e disfunções, e que incide tanto sobre os sistemas sociais em grande escala como também sobre contextos locais e dos grupos situados em diferentes regiões do planeta (Tavares dos Santos, 1999).

Fazendo uma explanação de como as grandes transformações do mundo contemporâneo têm marcado o campo da subjetividade humana, Birman (1999) nos fala do mal-estar na atualidade. As promessas do início da modernização embutidas na ideologia do progresso e da razão científicista não foram cumpridas e o sujeito contemporâneo “não consegue mais acreditar, como anteriormente, que pode transformar a si mesmo e ao mundo com seu desejo, de maneira a poder reinventar a si mesmo e a ordem social” (p.82). Trata-se de um sujeito tomado pelo desamparo advindo da própria estrutura de organização da sociedade.

Esta relação entre um mal-estar do sujeito e a organização da sociedade foi abordada há muito no texto *O mal-estar na civilização* no qual Freud (1930/1996) já apontava que a civilização, em troca da segurança e da proteção da vida em

comunidade, estabelece limites e regula as relações humanas/sociais, a vida sexual e o instinto agressivo humano. Porém, as várias conquistas e progressos técnico-científicos da civilização não tornaram as pessoas mais felizes, ao contrário, nota-se a vivência compartilhada de um grande desconforto presente nos tempos modernos. Nesse sentido, pode-se dizer que o mal-estar do sujeito da modernidade é de ordem estrutural, decorrente da relação conflituosa entre a pulsão e a civilização.

1.2.1 – Modernidade e sociabilidade violenta

Afirmando que as transformações verificadas na contemporaneidade têm produzido uma nova morfologia dos processos sociais, Tavares dos Santos (1999; 2004) sugere que uma nova forma de sociabilidade está se desenhando no contexto moderno, definida por estilos violentos de sociabilidade, que invertem as expectativas do processo civilizatório.

As relações de sociabilidade passam por uma nova mutação, mediante processos simultâneos de integração comunitária e de fragmentação social, de massificação e de individualização, de ocidentalização e de desterritorialização. Como efeito dos processos de exclusão social e econômica, inserem-se as práticas de violência como norma social particular de amplos grupos da sociedade, presentes em múltiplas dimensões da violência social e política contemporânea (Tavares dos Santos, 1999, p.20).

Assim, na visão do autor, afigura-se nas sociedades do século XXI o fenômeno da violência difusa, cujas raízes localizam-se nos processos de fragmentação social. Nesse sentido as instituições socializadoras, tais como a família, a escola, a religião, as fábricas, etc., estariam vivendo um processo de crise e desinstitucionalização. Se

antes as relações de sociabilidade construídas nessas instituições eram marcadas prioritariamente pela afetividade e pela solidariedade, hoje reaparecem como preferencialmente conflitivas, como demonstram, por exemplo, os fenômenos da violência doméstica e da violência na escola.

A violência difusa seria, portanto, um novo modelo de sociabilidade verificado na atualidade e que perpassaria os diferentes contextos de interação social. Ao que parece, as mudanças no cenário mundial promoveram a fragmentação social e a fragilização dos laços sociais, o incremento de processos de exclusão e a “desfiliação” de algumas categorias, tais como a juventude. Foram esses processos que possibilitaram a emergência do que seria um novo modo de interação social, onde as conflitualidades encontrariam espaço privilegiado.

Esboçando a noção de sociabilidade violenta a partir de uma análise da natureza e sentido da radical transformação de qualidade das relações sociais, e as práticas de criminosos comuns, Silva (2004) aponta que os padrões de sociabilidade convencionais, regulados no âmbito do Estado, em determinados contextos e sob certas condições, perdem a validade e são substituídos por um complexo de práticas estruturadas na relação de forças.

Segundo o autor, a representação da violência urbana tem como característica central a expressão de uma ordem social, isto é, um complexo orgânico de práticas, mais do que um conjunto de comportamentos isolados. Ao considerar a existência desse modelo de ordem social, o autor sugere que o uso da força como princípio de regulação das relações sociais convive com o modelo de sociabilidade regulada pelo Estado. Assim, “não há luta, mas convivência de referências, conscientes ou pelo menos claramente ‘monitoradas’, a códigos normativos distintos e igualmente legitimados, que implicam a adoção de cursos de ação divergentes” (Silva, 2004,

p.73). Nesse sentido, os atores sociais articulam suas práticas cotidianas a essa dupla inserção: como participantes da ordem estatal e, paralelamente, da sociabilidade violenta.

No contexto contemporâneo, a ideologia individualista, o imediatismo e o projeto de vida hedonista ganharam espaço. Aos poucos, com o enfraquecimento da tradicional família burguesa, os indivíduos passaram a buscar fora do ambiente familiar os referenciais necessários à definição do bom e do mau, do certo e do errado. Houve assim, uma conversão da família burguesa às ideologias do bem-estar do corpo, do sexo e do psiquismo, típicas das sociedades de consumo. Na visão de Costa (2003) “é como se o *penso, logo existo* tivesse sido substituído pelo *gozo, logo sou*”.(p.157)

Um traço marcante a ser observado é a forma pela qual se estrutura a vida mental do sujeito moderno, particularmente no que concerne às formas de construção da subjetividade, onde o eu encontra-se situado em posição privilegiada. Segundo Birman (1999), o autocentramento do sujeito atingiu limiares impressionantes e espetaculares, se comparado com a história do mundo Ocidental. Para o autor, o autocentramento se apresenta inicialmente sob a forma da estetização da existência. Trata-se de uma exaltação gloriosa do próprio eu, baseada principalmente na aparência, de modo que o sujeito vale aquilo que parece ser. No registro sexual este autocentramento também se torna presente, e evidencia-se nas relações amorosas onde, para o sujeito, não importa mais o afeto, mas a tomada do outro como objeto de predação e gozo, por meio do qual ele se enaltece. Nesse sentido, o sujeito posiciona-se como o centro da relação, enquanto que o outro é colocado na posição de objeto de satisfação, tendo sua subjetividade desconsiderada/ignorada ou até mesmo anulada.

O autocentramento pode ser considerado o traço fundamental da chamada *cultura do narcisismo*. Utilizando o *narcisismo* como metáfora da condição humana, Lasch (1983) afirma que existem conexões entre o tipo de personalidade narcisista e certos padrões característicos da cultura contemporânea, tais como “o temor intenso da velhice e da morte, o senso de tempo alterado, o fascínio pela celebridade, o medo da competição, o declínio do espírito lúdico, as relações deterioradas entre homens e mulheres” (p.57).

O autor afirma que a construção da organização social vigente exigiu novas formas de personalidade, novos modos de socialização e novos modos de organizar a experiência. Diante disso, o padrão narcisista de personalidade ao mesmo tempo em que é incentivado pelos atuais padrões sociais, parece representar também a melhor maneira de lutar em igualdade de condições com as tensões e ansiedades da vida moderna. Trata-se de uma busca da felicidade através de estratégias narcísicas de sobrevivência que reproduzem os piores aspectos da crise geral da cultura ocidental.

Em um interessante artigo sobre a violência urbana, Costa (1999) busca explorar a relação existente entre o modo de vida da sociedade e Estado contemporâneo e a violência no contexto cotidiano. A autora observa a prevalência de atos violentos desarticulados de conexão com as lutas de interesses mais amplos (lutas de classe, de interesse social), o aumento no número de homicídios e crimes violentos praticados não por pobres ou excluídos, mas por pessoas de classes mais abastadas e a grande incidência de atos violentos promovidos pelos diversos tipos de gangues e amotinados, aparentemente desprovidos de motivação, etc. A partir disso, surgem inúmeros questionamentos acerca dos elementos motivadores desses novos tipos de articulações da violência, os quais encontram respostas no modo de organização da sociedade moderna.

Segundo Costa (1999), essa violência percebida como gratuita, praticada pelo simples prazer da violência, encontra respaldo no atual modo de vida das sociedades capitalistas, na ideologia do lucro fácil e da busca da satisfação imediata do desejo de consumir. Assim, a não aceitação de limites para a satisfação de qualquer tipo de prazer e o desejo de consumir leva a condutas que, em última instância, visam à destruição do outro. Trata-se de uma real possibilidade de eliminação do outro se este resiste e faz obstáculo ao gozo do sujeito.

Obviamente a tentativa de desvelamento da “ideologia” capitalista vigente nas sociedades ocidentais não deve intencionar uma explicação completa das causas da violência no Brasil uma vez que existem inúmeras particularidades e fragmentações locais que são determinantes na emergência do fenômeno. Todavia, é necessário atentar-se à sutileza e à força dos argumentos do capitalismo moderno, tão entranhados em nossa sociedade que muitas vezes tornam-se imperceptíveis.

Nesse contexto, a mídia se destaca como instrumento fundamental da atual sociedade de consumo. O consumismo é, por excelência, individualizante. Assim a mídia e a propaganda buscam uma constante “personalização” do modismo, de forma que o indivíduo, massificado e uniformizado, sinta-se único na posição que ocupa socialmente, quando se apropria de determinados bens e objetos. A publicidade torna-se, portanto, a grande estrela da sociedade capitalista, uma vez que controla o poder de decisão do indivíduo, fazendo-o consumir aquilo que o mercado precisa vender; propõe o consumo como cura ou remédio para a inevitável desolação do homem moderno (Costa, 2003).

Reconhecendo a importância da mídia e que, através dela, se produz visibilidade e se constroem os sentidos de algumas práticas culturais, Pereira *et al.*(2000) destaca

o modo como a violência se apresenta enquanto produto cultural em circulação no sistema midiático.

Ao ser estilizada, na sua absorção pelos meios de comunicação, a violência representada passa por um processo de tradução que favorece e estimula seu consumo por um público mais amplo. Este procedimento se apóia no poder de fascinação da violência, que é potencializado por sua espetacularização, podendo alterar os sentidos iniciais das manifestações, bem como tornar os indivíduos menos sensíveis às diferentes realidades expostas. (p.18).

Assim, o episódio violento da vida real cotidiana transforma-se em um espetáculo produzido pelos meios de comunicação em massa. O fenômeno da violência é, portanto, transformado em um produto com grande poder de venda no mercado da informação e em objeto de consumo, que passa a fazer parte do dia-a-dia de grande parte da população, mesmo daqueles que nunca tiveram experiência de contato direto com o objeto (Porto, 2002).

Obviamente, não se trata de tentar estabelecer uma relação direta simplista entre a mídia e a violência. Contudo, na concepção de Porto (2002), se a mídia não pode ser responsabilizada pelo aumento da violência ela é, sem dúvida, um meio que favorece e fortalece sociabilidades estruturadas na e pela violência. Não são raras as oportunidades em que a violência é apresentada como um comportamento valorizado e tratada como um recurso onde sua utilização passa a ser uma questão de eficácia, oportunidade, afirmação de identidade, explosão de raiva, frustração, dentre outras possibilidades.

Um recente artigo de Ramos e Novo (2003) mostra, através de um estudo de caso, como a mídia espetaculariza a violência e quais as conseqüências disso. Analisando o material veiculado na imprensa acerca de um seqüestro de ônibus

ocorrido na cidade do Rio de Janeiro em junho de 2002, que teve um desfecho trágico e recebeu ampla cobertura nos meios de comunicação, as pesquisadoras apontam a mídia como veículo capaz de uma dramatização e mitificação do fenômeno da violência. Esse processo contribui para o fortalecimento de uma concepção da violência como um “grande mal” que está em todos os lugares, que nos cerca e nos assusta; também contribui com a manutenção de uma representação social da violência como um fenômeno produzido por um sujeito particular que não sabe lidar com suas emoções e problemas, e que merece, portanto, ser excluído do convívio social.

Pode-se pensar, portanto, que o excesso na difusão de manifestações de violência na mídia, por um lado, contribui para uma estigmatização de agentes e grupos envolvidos em tais práticas, reforçando um quadro de exclusão social e, por outro lado, legitima a instauração de modelos de sociabilidade e de construções identitárias pautadas na violência.

1.2.2 – Banalização da violência e juventude

Dentro da perspectiva assumida pela violência atualmente no Brasil, um ponto que tem merecido destaque entre diversos pesquisadores (Campos, Torres e Guimarães, 2004; Dimenstein, 1995; Velho, 2000; Zaluar, 2000) diz respeito à tendência à banalização da violência. Com a atual mudança cultural e as transformações do sistema de valores e das relações sociais, observa-se que as tensões sociais que anteriormente apresentavam desfechos em que tendiam a predominar acordos e negociações atualmente encontram na violência física ou verbal uma tendência predominante. Nota-se assim uma disposição cultural de se

considerar fenômenos de violência explícita (atos agressivos) como sendo, além de frequentes, “comuns”, “naturais”, “corriqueiros”, “banais”, destituindo a violência do lugar da excepcionalidade para tornar-se uma marca do cotidiano.

A idéia de que só a força resolve os conflitos tem se generalizado no nível cotidiano ao ponto de verificarmos uma rotinização da violência física. A noção de banalização da violência diz respeito a essa legitimação do uso da agressão (física ou simbólica) como forma de regulação/resolução de conflitos de interesses, seja entre pessoas ou grupos. Um reflexo desta disposição pode ser observada tanto nos jornais televisivos, que mostram assassinatos e brutalidades por motivos cada vez mais banais e que não mais chocam os telespectadores, como também nos discursos do cotidiano onde agressões consideradas “leves” não são caracterizadas como violências.

Esta percepção denuncia uma outra face da banalização da violência. Trata-se de uma tendência verificada principalmente em estudos com adolescentes (Campos e Guimarães, 2003), em que o reconhecimento da violência acontece somente nas situações marcadas pela existência da violência física, ou seja, uma assimilação da noção ou representação da violência ao ato agressivo e, prioritariamente, ao ato agressivo resultante em morte.

Essa tendência à banalização tem merecido grande destaque nos estudos sobre a representação social da violência. Uma naturalização e normatização do fenômeno é apontada por estudos específicos sobre a violência doméstica dirigida contra mulheres (Santos, 2004), contra crianças (Gonçalves, 2003), sobre a violência envolvendo gangues (Abramovay, Waiselfisz, Andrade e Rua, 2004) e sobre a violência nas escolas (Abramovay e Rua, 2002). Diante destas informações sugere-se

que uma representação social da violência como forma “natural” de solucionar conflitos encontra-se presente nos mais diversos segmentos da sociedade.

Outro ponto de bastante destaque nos estudos recentes acerca da violência tem sido o grande envolvimento de jovens em contextos e episódios de violência, tanto como autores, quanto como vítimas da violência dos outros. Ao que parece, a associação entre juventude (especificamente o período da adolescência) e a violência é uma inquietação presente na maioria das sociedades, sejam elas portadoras de elevados índices de desenvolvimento humano, condições e qualidade de vida, ou não. Nota-se uma tendência da opinião pública e do senso comum em relacionar adolescência e violência (principalmente a criminalidade) tão forte quanto a tendência em associar pobreza e violência.

Em um estudo realizado pelo Núcleo de Estudos da Violência – NEV/USP, Adorno, Bordini e Lima (1999) buscaram verificar se o aparente crescimento no envolvimento de jovens com a violência é verdadeiro ou se apenas tem acompanhado a dinâmica da violência em geral na sociedade, e constataram sensíveis alterações na presença e participação dos adolescentes no movimento de criminalidade urbana em São Paulo, ao longo dos anos. Segundo os dados levantados, houve tanto um crescimento da participação de adolescentes em crimes violentos (comparativamente à participação da população em geral), como também um aumento da vitimização destes jovens. Além disso, alterou-se também uma outra dimensão da violência relacionada aos jovens: os atos violentos hoje são mais letais. Uma extensa proporção desses atos resulta em grave ofensa ou morte. Segundo os autores, o aumento da letalidade da violência juvenil deve-se ao aumento do uso de armas em desfechos violentos e ao crescimento do crime organizado nas grandes metrópoles. Vale pontuar que os autores afirmam que essas alterações estão

acontecendo não somente na cidade de São Paulo, mas podem ser percebidas como uma tendência geral da sociedade brasileira.

Estudos recentes tendo como foco central a representação social da violência na escola (Abramovay e Rua, 2002; Campos, Torres e Guimarães, 2004, Campos e Guimarães, 2003; Oliveira e Campos, 2003) fornecem-nos importantes elementos para a compreensão do envolvimento dos adolescentes e sua percepção acerca da violência. Dentro do quadro de investigações realizadas neste contexto, a violência surge como fenômeno inscrito nas experiências de vida e presentes no cotidiano da escola. A grande proximidade que os adolescentes experimentam desta realidade encontra expressão no discurso detalhado sobre episódios de violência física, uso de armas, influência de gangues e drogas, falta de segurança e atuações policiais violentas.

Nesta mesma perspectiva, nota-se uma grande disparidade entre o discurso dos adolescentes e o discurso dos adultos. Segundo dados obtidos em pesquisas recentes, os alunos apresentam os episódios de violência física, muitas vezes envolvendo uso de armas (revólver e arma branca), e a luta corporal como algo presente em sua realidade cotidiana. A falta de diálogo, aspectos psicológicos da personalidade do sujeito, o uso de drogas e a influência de gangues e traficantes são apontados pelos adolescentes como elementos determinantes da alta incidência de violência nas escolas. Os professores apontam as falhas na educação familiar como sendo as grandes responsáveis pela violência escolar, contudo percebem a “sua” escola como não violenta. Por outro lado, os pais de alunos concentram seus discursos na violência existente na sociedade como um todo, englobando a escola, porém, esta violência é percebida como distante da realidade cotidiana dos filhos (Campos, Torres e Guimarães, 2003).

Capítulo 2 – Adolescência, Violência e Representação Social

2.1 – Representação Social e Gestão Simbólica da Violência

Diante da multiplicidade de elementos envolvidos no fenômeno da violência, e particularmente na violência e sua relação com a adolescência, a ênfase nos chamados “fatos simbólicos” apresenta-se como possibilidade privilegiada para sua apreensão. Partindo-se da prerrogativa de que a vida simbólica de cada indivíduo e da sociedade se entrelaçam e impregnam as relações que se estabelece com o mundo, bem como o modo de percebê-lo e atuar sobre ele, as perspectivas que envolvem os fatos simbólicos possibilitam uma análise profunda dos fenômenos complexos presentes na realidade e suas variadas formas de expressão.

Segundo esta perspectiva a violência é considerada uma construção social, onde determinados atos são considerados violentos porque são investidos de um conjunto de significações que lhes conferem um *status* particular. Isso significa dizer que a violência é objeto de uma “gestão psicológica” por parte das pessoas, em que os fenômenos nomeados como sendo violência são cotidianos na vida dos indivíduos. Desse modo, as percepções das situações concretas são marcadas por estas “teorias prévias” coletivas da violência, do mesmo modo que as condutas e os comportamentos a serem adotados são também condicionados por essas teorias (Campos e Guimarães, 2003).

Assim, abandona-se uma tentativa de tratar a violência como uma questão individual, oriunda exclusivamente de características psicológicas de um sujeito específico, para considerá-la inscrita em uma “rede coletiva em que elementos individuais, sociais, históricos, culturais e interpessoais interpenetram-se. É nessa

rede coletiva que vão se construindo e reconstruindo modos de pensar e dar sentido à realidade social” (Santos, 2004, p.141).

Sendo a violência um objeto de representação e de gestão simbólica coletiva, entende-se que esta exerce influência determinante no modo de leitura e compreensão da realidade, assim como na orientação de condutas e estratégias cognitivas a serem adotadas frente ao fenômeno. Desse modo, a organização do pensamento social oferece importantes subsídios para a compreensão da violência tomada como fenômeno social, não limitando sua compreensão ao episódio violento.

Essa perspectiva, a qual aborda preferencialmente os aspectos simbólicos e representacionais elaborados coletivamente, mostra-se bastante fecunda pois possibilita uma leitura do fenômeno a partir dos próprios grupos sociais que pensam e atuam sobre ele, possibilitando uma compreensão dos diferentes sentidos e formas de lidar com a violência. Assim, tem-se uma visão contextualizada do fenômeno uma vez que as especificidades socioculturais e seu reflexo na organização do pensamento, nas práticas e condutas dos indivíduos tornam-se pontos centrais desse tipo de abordagem.

Ao que parece, as mais completas tentativas de apreensão da violência são aquelas que a consideram um fenômeno complexo multi-determinado, não podendo ser analisado de forma isolada. Ele deve ser refletido a partir de uma dimensão estrutural, envolvendo a desigualdade e a exclusão social; de uma dimensão interpessoal, relacionada aos conflitos interpessoais; e a partir de uma dimensão simbólica, envolvendo os processos representacionais que intervêm diretamente na construção e dinamicidade da realidade social.

Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1994; 2003b; Jodelet, 2001; Abric, 1998) apresenta-se como uma importante linha teórica situada

em uma “posição mista na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e conceitos psicológicos” (Moscovici, 1994, p.41), que implica o estabelecimento de relação entre processos dinâmicos sociais e psíquicos, apreendendo tanto elementos do sistema de pensamento coletivo, tais como a cultura e as ideologias, como também elementos do sistema de pensamento individual, ligados às experiências privadas e afetivas do sujeito. As representações sociais, na tentativa de tornar os fenômenos sociais inteligíveis, situam-se em uma perspectiva teórica que abrange concomitantemente o social e o psicológico.

Comumente designado de saber de senso comum ou conhecimento ingênuo, a representação social toma a forma de conhecimento universal por excelência e caracteriza-se como um saber impresso nas interações e na vida social. Na concepção de Jodelet (2001) é “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p.22). As representações sociais regem nossa relação com o mundo e com os outros, caracterizando-se como um tipo de conhecimento partilhado.

Enquanto sistemas complexos sempre ativados e em ação na vida social, as representações sociais interferem em processos variados, participando como guia na elaboração da realidade, de modo a possibilitar uma leitura e compreensão do mundo concreto, e organizando as condutas e comunicações sociais a fim de possibilitar um ajustamento prático do sujeito ao seu meio. Nesse sentido, Abric (1998) pontua que a representação social pode ser considerada

(...) uma visão funcional do mundo, que por sua vez, permite ao indivíduo e ao grupo dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade através de

seu próprio sistema de referências, permitindo assim ao indivíduo se adaptar e encontrar um lugar nessa realidade. (p.28).

Sendo um tipo de criação coletiva, as representações sociais estão implicadas com as diferenças na sociedade. São formas de conhecimento produzidas e sustentadas por grupos específicos, dentro de uma conjuntura socio-histórica determinada, exercendo assim um papel fundamental na definição e manutenção da identidade e expressão grupal. Buscando enfatizar as implicações das representações sociais para as relações grupais e intergrupais, Vala (1996) afirma que

(...) as representações sociais não são meros enunciados sobre a realidade, mas teorias sociais práticas sobre objetos relevantes na vida dos grupos. Enquanto teorias, são organizações de crenças, atitudes e explicações; enquanto teorias práticas, são organizadores da ação; enquanto teorias sociais, são produzidas no quadro das comunicações cotidianas suscitadas pelas identidades sociais.(p.151).

Diante dessas observações, torna-se notória a impossibilidade de pensar uma única representação social da violência, e certamente dos fenômenos sociais em geral. O que se percebe através das funções da representação social e de sua organização cognitiva é que coexistem vários elementos representacionais definidos a partir da pertença e domínio do meio social.

Essas considerações permitem afirmar que a representação social de um objeto específico elaborado por determinado grupo responde a funções essenciais. Segundo Abric (1998) a primeira delas é a *função de saber*, onde as representações permitem a compreensão e explicação da realidade através de mecanismos de aquisição e integração dos conhecimentos e da comunicação social. Outra função essencial é a *função identitária*, que situa os indivíduos e os grupos dentro do campo social

possibilitando a elaboração de uma identidade e proteção da especificidade dos grupos. As representações sociais atuam também como guias de comportamentos e práticas, apresentando uma *função de orientação*. Nesse sentido, elas servem como um guia para a ação, intervindo na definição da finalidade da situação, o tipo de relações pertinentes ao sujeito, e o tipo de estratégia cognitiva que será adotada. Também relacionada à ação, a quarta função apresentada é a *função justificadora* assumida pelas representações sociais, uma vez que elas influenciam na avaliação da ação possibilitando aos atores sociais explicar e justificar suas tomadas de posição e seus comportamentos.

Diante dos múltiplos vieses possíveis no estudo e exploração das representações sociais, merece destaque a dinâmica de suas relações no contexto da comunicação e da ação (Moscovici, 2003a). As transformações evidenciadas na era moderna consolidaram formas mais eficientes e abrangentes de comunicação em massa, permitindo uma ampla circulação das idéias e a inclusão de outros grupos no processo de produção psicossocial do conhecimento. De um modo geral a comunicação – tanto em nível interindividual, verificada entre os indivíduos de uma comunidade, quanto em nível macrossocial, envolvendo o sistema midiático e de comunicação em massa – desempenha papel fundamental nas trocas e interações, concorrendo para a criação de um universo consensual.

A partir disso, nota-se a existência de uma relação de reciprocidade em que a organização e estrutura da representação social adquire seus contornos através das influências comunicativas em ação na sociedade e, ao mesmo tempo, torna a comunicação possível (Moscovici, 2003b). Assim, a representação pode ser considerada tanto como um produto da comunicação como também o que possibilita a comunicação entre os membros da comunidade, uma vez que lhes fornece um

código para nomear e classificar os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Destacando a esfera pública enquanto espaço para a produção das representações sociais, Jovchelovitch (2000) apresenta a comunicação como elemento fundamental na construção, cristalização, transmissão e transformação das mesmas. É no espaço público que os sujeitos se reúnem para falar e dar sentido ao cotidiano. Expressando em sua estrutura interna concomitantemente pertinência e diversidade, história e realidade, resistência à mudança e sementes para a mudança, as representações sociais têm a comunicação como elemento central no processo de construção e perpetuação destas (via objetivação e ancoragem) e como mediadora da dinâmica e modificação das mesmas (via conflito e confrontação entre o velho e o novo).

Outro aspecto merecedor de grande destaque dentro da teoria inaugurada por Moscovici refere-se à relação entre as representações e as práticas sociais. Caracterizada como um tipo de “saber vivido” no cotidiano, desde a sua concepção a representação social é marcada por uma relação de grande proximidade com a prática, com a ação. No entanto o desvelamento da dinâmica desta relação constitui-se um desafio para estudiosos da área, uma vez que implica a assimilação de dados de natureza cognitiva e dados de natureza comportamental (Campos, 2003a; 2003b). Trata-se de buscar compreender em profundidade uma relação de influência entre a representação social e a prática, fugindo de conclusões genéricas e simplistas que optam pela reciprocidade de influência.

Não é exato dizer, sem outra precisão que “as representações sociais e as práticas se influenciam reciprocamente”, uma vez que não se trata de reciprocidade; para uma maior informação, convém tomar as representações

como uma condição das práticas, e as práticas como um agente de transformação das representações.(Rouquette, 1998, p.43).

Portanto, é possível encontrar estudos que conferem às práticas um papel determinante nas ações dos sujeitos. Segundo esta concepção as ações que o sujeito aceita realizar em sua existência cotidiana, ou seja, as condições materiais e sociais às quais o sujeito se submete, determinam sua representação. Assim, a representação social caracteriza-se como um processo de adaptação cognitiva do sujeito à sua realidade social concreta. Por outro lado, nota-se uma grande quantidade de estudos que colocam em evidência a determinação das práticas pelos sistemas de representações do sujeito. Nesse sentido, as representações sociais do sujeito frente a um objeto definem suas possíveis condições de ação. Desse modo, elas funcionam como guias para a ação que, portanto, as constroem, mas, não as ditam (Abric, 2001).

Fazendo uma análise dos estudos que lidam com estas problemáticas da TRS, Campos (2003b) é taxativo ao declarar que as “relações entre as representações sociais e práticas são muito complexas e ainda pouco estudadas, tanto do ponto de vista teórico, quanto empírico” (p.54). Em pesquisas realizadas nesta área, ainda não foi possível construir um modelo teórico único, válido para o conjunto das situações sociais.

Inegavelmente, existe uma estreita relação entre as ações/práticas dos sujeitos e suas representações sociais. Deixando à parte discussões acerca da predominância de um ou de outro elemento na dinâmica ‘práticas X representações sociais’, percebe-se a existência de uma interdependência entre eles. Segundo Abric (2001) e Rouquette (1998), qualquer contradição ou desacordo entre as representações e as práticas

sociais leva, necessariamente, à transformação de uma ou de outra. Trata-se de uma necessidade intrínseca de reajuste no caso de transformação de um dos elementos.

As funções apresentadas pelas representações sociais, especialmente aquelas relacionadas à ação, estão fundamentadas na idéia de uma estruturação específica, que constitui um sistema sociocognitivo específico. Seguindo essa direção, uma das atuais correntes de estudo das representações sociais, conhecida como Abordagem Estrutural das Representações Sociais (Abric, 1998; Campos, 2003a; Sá, 2002), também chamada de Teoria do Núcleo Central, permite uma explanação de suas características estruturais e de sua dinamicidade.

Essa abordagem compreende o funcionamento e organização das representações sociais como sendo regido por um duplo sistema, formado por um núcleo central e por um sistema periférico, em que cada parte tem um papel específico, porém complementar ao do outro. O núcleo central constitui-se de um ou mais elementos que definem a organização e significado da representação. Constituindo-se como uma base comum propriamente social e coletiva que define a homogeneidade de um grupo, o núcleo central está ligado à estabilidade e coerência da representação social e desempenha duas funções essenciais: a função geradora (responsável pela constituição do significado dos elementos da representação) e a função organizadora (responsável pela unidade e estabilidade da representação). Em torno do núcleo central organizam-se elementos do sistema periférico, cuja determinação é mais individualizada e integra as experiências cotidianas e histórias individuais. Trata-se do sistema que comporta os componentes mais acessíveis, vivos e concretos da representação (função de concretização), desempenhando papel fundamental em sua adaptação às evoluções do contexto (função de regulação) e na proteção do núcleo central frente a mudanças bruscas no meio (função de defesa).

Assim, as representações sociais apresentam características aparentemente contraditórias resultantes de sua própria estrutura. Segundo Abric (1998), as representações sociais “são, simultaneamente, estáveis e móveis, rígidas e flexíveis” (p.34), uma vez que apresentam um núcleo central profundamente ancorado no sistema de valores grupais e têm seu sistema periférico alimentado por situações específicas e experiências individuais. Além disso, elas “são, ao mesmo tempo, consensuais e marcadas por fortes diferenças individuais” (p.34), já que a homogeneidade não é definida pelo consenso entre os sujeitos, mas pela organização da representação em torno de um núcleo central.

Nos diversos campos de investigação, estudos acerca da relação entre representações e práticas, assim como dos processos de transformação das mesmas, apresentam questões ainda em aberto na teoria. Tendo seus estudos centrados principalmente nos aspectos dinâmicos e na transformação das representações sociais, Flament (2001) faz uso da Teoria do Núcleo Central para enfatizar o papel predominante das práticas sociais no desencadeamento de transformações profundas das representações. De forma resumida, o autor explica que a periferia da representação serve de pára-choque entre uma realidade que a questiona e um núcleo central que não deve mudar facilmente. Os desacordos da realidade são absorvidos pelos esquemas periféricos que, desse modo, asseguram uma estabilidade (relativa) da representação. A ampliação desse mecanismo, levando-se em consideração a intensidade do desacordo entre prática e representação permitiria, portanto, explicar a transformação de uma representação.

A representação social de um objeto específico pode ser tomada como fenômeno que exerce uma gestão simbólica sobre os indivíduos e que apresenta o discurso e as práticas dos sujeitos como veículos essenciais para o acesso à

representação. A partir dessa perspectiva, a violência, enquanto fenômeno cultural, é objeto social que suscita representações e que intervém em uma dada realidade social. Estando em íntima relação com as práticas do cotidiano, a representação social da violência não deve, portanto, ser tomada isoladamente, e sim analisada em sua relação direta com as comunicações e a pragmática.

Sendo produzidas e engendradas coletivamente dentro de uma determinada conjuntura sócio-histórica, a representação social da violência produzida por adolescentes apresenta uma relação direta com as práticas violentas que envolvem este grupo. Assim, a identificação destes elementos representacionais permite a compreensão do sistema de gestão simbólica da violência pela adolescência e possibilita o desvelamento da relação existente entre esses elementos e as práticas violentas.

A violência, enquanto fenômeno social complexo que suscita representações, deve ser apreendida a partir das condutas e práticas humanas que lhe dão suporte, em conjunto com os sistemas simbólicos que lhe conferem sentido. Tendo com o fenômeno da adolescência ponto de grande confluência, a violência apresenta-se como inquietante e motivador campo de investigação, mediante a possibilidade de exploração a partir do ponto de vista dos jovens, do modo como eles concebem e representam esses processos violentos que a sociedade organiza e no qual estão intimamente envolvidos, e como eles organizam suas práticas a partir desses saberes.

2.2 – Adolescência e Violência

Na tentativa de compreender melhor a dinâmica da violência e sua relação com a juventude, é necessário entender a emergência da adolescência enquanto fenômeno

social moderno, os aspectos psicossociais que a envolvem, e o lugar do adolescente na sociedade.

A adolescência enquanto fenômeno social é um dado recente. Segundo Arpini (2003) sua emergência dá-se entre meados do século XIX e o início do século XX, em virtude das mudanças que estavam ocorrendo na sociedade: as alterações na organização do trabalho, a necessidade de organizar os espaços sociais e controlar a vida pública, a valorização da educação escolar e o reordenamento da vida familiar. Assim, a concepção de adolescência foi sendo construída e modificada ao longo dos tempos e de acordo com as alterações sofridas na organização social.

Enquanto construção sócio-histórica, a representação da adolescência enquanto etapa intermediária entre a infância e a fase adulta é um fenômeno contemporâneo. A partir de sua emancipação como etapa distinta no desenvolvimento humano, a adolescência foi “dissecada” em seus aspectos biológicos, psicológicos, sexuais, sociais e culturais, numa tentativa de construção do que seria uma identidade adolescente. Vale afirmar que estes conhecimentos elaborados pela ciência fazem parte da representação que a sociedade tem dos adolescentes, constituindo “verdades” apropriadas e sustentadas pela cultura hegemônica.

Sendo portador de uma representação dominante estruturada em torno da “transição”, “mudança”, “crise”, “instabilidade”, o adolescente encontra-se marcado por um não reconhecimento e consolidação no imaginário social e na ordem simbólica social (Campos, 2003c). Trata-se de uma representação organizada em torno do “não ser”, em que o adolescente “já não é” uma criança, porém, “ainda não é” física, psicológica e socialmente integrante do mundo adulto.

A adolescência configura-se como uma etapa do desenvolvimento cuja maturidade não é reconhecida simbolicamente no meio social, constituindo para o

indivíduo um espaço fragilizado. Nota-se em nossa cultura um hiato entre a maturidade orgânica e a maturidade social onde o reconhecimento simbólico desta última encontra-se atrelado à independência econômica, reconhecimento profissional e assunção da sexualidade (Melman, 1999). Nesse sentido, Campos (2003c) propõe uma perspectiva segundo a qual a adolescência configura-se como um tempo lógico no qual o sujeito não reconhece sua vontade no coletivo, ou face ao outro generalizado. Este não reconhecimento simbólico do sujeito apresenta-se como um processo excludente que convida ao excesso do irracional, ao ato violento.

A única maneira que essas pessoas têm para serem reconhecidas é passar ao ato, já que a palavra ou a linguagem recusam-se a reconhecê-las. Haverá manifestações de violência e delinquência a cada vez que os indivíduos forem privados de reconhecimento simbólico. Isto quer dizer que o adolescente está exposto a se tornar delinquente, a poder ser violento. (Melman, 1999, p.33)

Fazendo um retorno aos autores clássicos no estudo da adolescência (Aberastury e Knobel, 1992; Osório, 1992), nota-se que estes comumente caracterizam esse período como um momento de vivência de uma “crise”, marcada por uma sintomatologia bastante específica. Enfatizando características que fazem referência a mudanças dramáticas, abundantes tensões e conflitos psicológicos, as visões da adolescência como uma “época tormentosa” aos poucos foram sendo reforçadas. Assim, a visão da adolescência como uma “aborrescência”, bastante difundida no senso comum, parece ter encontrado facilmente respaldo (ainda que camuflado) no meio acadêmico e social.

A descoberta da adolescência como “problema” é contemporânea à sua emergência como objeto de atenção especial e especializada (Adorno, Bordini e Lima, 1999). Por um lado, o sujeito adolescente apresenta-se como requerendo

regulações educacionais, restrições trabalhistas, espaço para o desenvolvimento de uma cultura juvenil, reconhecimento enquanto portador de um querer próprio que precisa ser respeitado etc. Por outro lado, o adolescente, portador de uma autonomia crescente, é visto como uma fonte de risco, principalmente no que diz respeito ao seu envolvimento com o crime e a violência.

Para alguns estudiosos da psicologia da adolescência, o envolvimento dos jovens com a violência deve-se tanto a fatores sociais como também, principalmente, a certas características psicológicas específicas deste período. Segundo Levisky (1997; 1998) a adolescência é um período de grande vulnerabilidade decorrente de uma invasão de seu corpo por estímulos internos ligados à sexualidade e à agressividade. Estes estímulos são de difícil controle e comumente não encontram uma interação adequada com o ambiente externo, promovendo no jovem uma espécie de estado confusional em que a discriminação entre o certo e o errado, bom e mau, criativo e destrutivo torna-se gravemente prejudicada. Além disso, segundo o autor, esse excesso de excitação favorece uma tendência espontânea e natural à passagem ao ato, ou seja, uma tendência do adolescente a descarregar seus impulsos agressivos e sexuais diretamente, através do processo primário, buscando uma expressão rápida e satisfação imediata dos desejos, sem passar pelos critérios de avaliação, simbolização e linguagem que caracterizam o processo secundário.

Apesar da importância atribuída por alguns autores contemporâneos às alterações hormonais ocorridas neste período da vida, parece interessante relativizar seus efeitos, no que diz respeito às expressões de agressividade e violência no adolescente. Sabe-se que, apesar de ser uma característica universal natural do desenvolvimento do organismo, este “excesso hormonal” não encontra expressões comportamentais uniformes. Ao que parece, elementos sociais, culturais,

psicológicos e genéticos exercem na dinâmica adolescente uma influência tão importante quanto os fatores hormonais, daí as diferenças tão notáveis entre adolescentes de realidades e contextos diferentes.

Outro aspecto apontado por Levisky (1997) como favorecedor da vivência da adolescência como momento privilegiado para o surgimento de comportamentos violentos refere-se ao processo de identificação. Esse processo que acompanha todo o desenvolvimento humano, durante este período encontra-se marcado por uma avidez por novos modelos identificatórios. Tratando-se de um período de reestruturação da identidade em seus múltiplos aspectos, estabelece-se um conflito entre os ideais pessoais, sociais, sistemas éticos e morais constituintes do ego e do superego da infância, e as experiências atuais. Assim, o jovem irá buscar no mundo externo, no grupo de iguais, nos ídolos da mídia, etc. novos modelos a serem incorporados e transformados, objetivando a construção de seu “próprio modo de ser”.

Diante da atual crise nos sistemas éticos e de valores, da cultura do individualismo e do narcisismo e da emergência de formas de sociabilidade construídas na violência, um olhar de preocupação é lançado aos modelos identificatórios disponibilizados pela cultura de massa. Nesse sentido, Levisky (1998) alerta que “quando a violência é banalizada ou não identificada como sintoma da patologia social, corre-se o risco de transformá-la num valor cultural a ser assimilado pela criança e pelo jovem como forma de ser, um modo de autoafirmação” (p.30).

O adolescente está em busca da construção de sua identidade e, para tanto, recorre à busca de uniformidade que pode lhe proporcionar segurança e estima pessoal. Nota-se, então, que a tendência natural do ser humano ao grupamento torna-

se bastante intensificada na adolescência. Zimerman (2001) aponta que uma das principais justificativas para essa forte tendência ao grupamento com outros iguais deve-se ao fato de que, no grupo, o adolescente sente-se menos exposto à crítica, diferencia-se dos adultos, reassegura sua auto-estima através da imagem que o grupo lhe remete e sente menos vergonha, culpa e sentimento de inferioridade quando partilha seus problemas com outros iguais. Desse modo, verifica-se nos grupos de adolescentes “um processo de superidentificação em massa, onde todos se identificam com cada um” (Knobel, 1992, p.36).

A temática da adolescência tem sido, nas últimas décadas, sistematicamente abordada pelos estudiosos. Nota-se a partir daí freqüentes tentativas de generalização do que podemos chamar de ‘sintomatologia adolescente’ que muitas vezes tem como consequência a construção de noções superficiais e esquemáticas. Constrói-se assim um “(...) *jovem genérico*, como já havia sido criado um *índio genérico*, passando por cima das diferenças e especificidades em função de grupos de status, classe social, região do país, religião, meio rural ou urbano (com seus subtipos, por sua vez)” (Velho, 2002, p.135). Nesse sentido, o estudo da adolescência e de sua associação a outros fenômenos sociais deve ser uma análise contextualizada onde fatores fisiológicos, psicológicos e comportamentais não estão extraídos da realidade.

Na busca de uma melhor compreensão a respeito da formação e organização dos grupamentos juvenis no espaço urbano brasileiro e sua relação com o fenômeno da violência, Abranovay, Waiselfisz, Andrade e Rua (2004) desenvolveram uma ampla pesquisa tendo como campo as cidades da periferia do Distrito Federal. A partir dos dados coletados, tem-se a percepção da gangue pelos jovens como um espaço alternativo, uma esfera de relações nas quais eles são levados em conta, respeitados e protegidos. Para esses jovens, pertencer a uma gangue é mais do que

passar o tempo, é a busca de um lugar, de uma posição, é estar inserido num jogo de rivalidades, é a procura de uma identidade social no âmbito da cultura. A gangue apresenta-se, portanto, como uma forma de socialização de jovens que se sentem socialmente excluídos e que buscam formas alternativas de inclusão.

Merece destaque o lugar que a violência ocupa dentro das gangues e grupos de jovens. Segundo dados da pesquisa citada, a violência é percebida como algo comum e naturalizada, como “uma fatalidade que acontece porque tem que acontecer” (p.174). Apresentando um caráter instrumental, a violência encontra-se destituída de valorização absoluta, de modo que pode ser válida ou não dependendo da motivação, do objetivo, do contexto, contra quem é dirigida etc. Assim, torna-se válida, por exemplo, em resposta às provocações, em certos casos em que é necessário “impor moral”, e como defesa a agressões, humilhações, reação a assaltos e roubos. Além disso, as gangues fazem uso da violência quando entram em conflito entre si. Dentre os principais motivos para esse tipo de ocorrência está a disputa pelo poder territorial em que o desrespeito à demarcação das áreas de atuação pode significar uma provocação e o início de um conflito.

Segundo dados obtidos em um recente estudo acerca da representação social da violência na escola (Oliveira, 2002), realizado em Goiânia, os adolescentes consideram a violência como um fenômeno vinculado às suas experiências de vida e presente na realidade cotidiana da escola. Neste contexto, a violência aparece como uma forma de dominação, uma forma de impor-se, estando diretamente ligada a conflitos interpessoais.

Dentre os principais resultados obtidos nessa pesquisa, merece destaque a tendência dos pais dos adolescentes em considerar a violência como um fenômeno distante, apresentando-se ora como inexistente dentro do contexto escolar, ora como

possibilidade, porém, distante de uma vivência própria concreta de violência. Assim, para os pais destes adolescentes, a representação social da violência assume um caráter mais normativo. Por outro lado, Oliveira (2002) pontua que, para os adolescentes, a violência configura-se como um fenômeno próximo e diretamente vinculado às suas experiências de vida, tanto no contexto escolar como no bairro. Essa proximidade faz com que a representação social da violência apresente entre os adolescentes, um caráter mais funcional.

Em um estudo sobre as representações sociais de violência doméstica elaborada por familiares de adolescentes estudantes de escolas públicas e de adolescentes acompanhados pelo Conselho Tutelar de Goiânia, Junqueira (2003) também enfatiza a relação entre a violência e o universo adolescente. Esta pesquisa, além de reforçar a hipótese da banalização da violência (inclusive dentro do contexto familiar), aponta para uma visão da adolescência vinculada à situação de fragilidade, risco de morte e constante perigo. Na escola o professor é visto como figura importante na educação dos jovens e também como uma vítima da violência destes. No contexto familiar, as mulheres e crianças aparecem como vítimas preferenciais da violência doméstica, seguida pelos adolescentes e idosos. Os agressores são, na maioria das vezes, os pais e maridos, e a droga (lícita e ilícita) aparece como importante elemento favorecedor de comportamentos violentos.

É com base em um arcabouço teórico, o qual vê a adolescência como fenômeno que ocupa um lugar na sociedade e que compreende uma dinâmica psicossocial específica, que se possibilitam estudos que envolvam o universo adolescente em sua relação com fenômenos sociais complexos, tal como a violência.

Capítulo 3 – Violência e Adolescência: Dois Estudos Empíricos

Essa pesquisa teve como objetivo abordar o fenômeno da violência a partir do ponto de vista dos adolescentes, do modo como eles concebem e representam os processos violentos que a sociedade organiza e no qual estão intimamente envolvidos, e como eles organizam suas práticas sociais a partir desses saberes. Buscou-se, então, a partir da perspectiva das Representações Sociais, estudar as manifestações de violência que envolvem adolescentes e o papel ativo que eles desenvolvem enquanto sujeitos de uma gestão simbólica dessa violência.

Para tanto, foram realizados dois estudos empíricos. O primeiro estudo teve como objetivo principal conhecer a representação social de violência elaborada por adolescentes. Este estudo foi realizado através de duas análises dos dados: uma análise lexicográfica utilizando o *software* ALCESTE, com o objetivo de conhecer o campo comum de referência da representação social da violência e uma segunda análise através da categorização dos episódios de violência, visando analisar os aspectos da banalização da violência, assim como verificar a existência de um padrão de atuação dos sujeitos nos episódios de violência.

O segundo estudo empírico foi realizado através de uma análise interpretativa de duas entrevistas realizadas com adolescentes. Esta etapa da pesquisa teve como objetivo entender a origem e desenvolvimento do episódio violento e compreender a participação do sujeito enquanto tal nos eventos de violência. Trata-se de uma tentativa de desvendar em que medida a construção do episódio violento faz parte de uma norma social ou se está mais relacionada a uma marca da subjetividade do sujeito.

Para a obtenção dos dados foram escolhidas como campo de pesquisa duas escolas públicas entre cinco apontadas pelo departamento de inspeção escolar da Subsecretaria Metropolitana de Educação de Goiânia como sendo as mais violentas, a partir da quantidade de incidentes registrados e relatórios de visitas. Assim sendo, a coleta de dados foi realizada em uma escola localizada no Parque Ateneu e em outra escola localizada no Bairro Capuava, ambas da região periférica da cidade.

A escolha por escolas oficialmente reconhecidas como violentas aconteceu em função de estudos anteriores (Campos e Guimarães, 2003) que revelaram o não reconhecimento, por parte dos alunos, da própria escola como sendo violenta, apesar dos relatos de vários episódios de violência ali ocorridos. Estes estudos nos sugerem duas hipóteses: as escolas pesquisadas realmente não eram violentas ou estas escolas eram violentas, porém, não eram reconhecidas enquanto tais em função da banalização da violência. Essa banalização permitiria uma assimilação da violência ao cotidiano, favorecendo seu não-reconhecimento. Assim, buscou-se pesquisar escolas reconhecidas pelas autoridades educacionais como ‘comprovadamente’ violentas, de modo a verificar esse aspecto da banalização da violência.

3.1 – Estudo 1: Representação Social da Violência em Adolescentes

Participaram como sujeitos do primeiro estudo 10 adolescentes com idades entre 16 e 18 anos, de ambos os sexos, estudantes do ensino médio de escolas públicas de Goiânia. A média de idade dos sujeitos participantes da pesquisa era de 17 anos para os sujeitos de sexo feminino, e de 16,8 anos para os sujeitos de sexo masculino. Estes sujeitos foram escolhidos aleatoriamente no ambiente escolar e convidados a participar espontaneamente da pesquisa.

Neste processo de coleta de dados foram realizadas entrevistas semi-diretivas, que tinham como eixo temático central a violência, e foco nos episódios de violência. Estas entrevistas buscavam explorar as manifestações de violência e suas características espontaneamente associadas, além disso, questionamentos eram feitos com o objetivo de obter informações acerca dos atores envolvidos nos episódios, as possíveis causas, o contexto e o julgamento sobre estes eventos. As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente tratadas como discursos.

3.1.1 – Uma perspectiva posicional

Os dados textuais obtidos através das entrevistas foram submetidos, inicialmente, a uma análise lexicográfica utilizando-se o *software* ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte*). Este *software* funciona como um auxiliar informatizado que faz aglutinar frases (trechos do discurso), aparentemente diferentes em seu enunciado, mas próximas em relação de significado. O ALCESTE coloca em evidência aglomerados (mundos lexicais) de palavras (palavras-plenas) que têm por referência um mesmo núcleo de sentido.

(...) uma afirmação é considerada uma expressão de um ponto de vista, isto é, um quadro de referência, dita por um narrador. Este referencial traz ordem e coerência às coisas sobre as quais se está falando. Quando se escuta um texto produzido por diferentes indivíduos, o objetivo é compreender os pontos de vista que são coletivamente partilhados por um grupo social em um determinado tempo (...). O pressuposto do ALCESTE é que pontos diferentes de referência produzem diferentes maneiras de falar, isto é, o uso de um

vocabulário específico é visto como uma fonte para detectar maneiras de pensar sobre um objeto. (Kronberger e Wagner, 2002, p. 427).

Assim, a associação de palavras dotadas de sentido (portadoras de sentido) que aparecem com frequência constituem os chamados “mundos lexicais”. Palavras-pletas e mundos lexicais constituem, para um dado grupo social, uma espécie de *estrutura de texto*, que, por sua vez, reflete a estrutura da representação social do objeto social focado no conjunto de entrevistas. Dito de outro modo, a estrutura de um texto, produzido por um grupo de indivíduos acerca de um objeto social, reflete uma “semântica grupal” acerca deste mesmo objeto. Uma semântica de referência para os vários relatos e sentidos atribuídos pelos indivíduos ao objeto. Face à uma mesma referência semiológica (uma mesma representação social) os sujeitos podem tomar posições variadas (Campos, Torres e Guimarães, 2004).

A partir do tratamento estatístico fornecido pelo ALCESTE, realizou-se uma análise que opera em 3 níveis. No primeiro nível fez-se a identificação do campo comum (campo consensual) da representação; no segundo nível, identificou-se o posicionamento dos sujeitos ou grupos face aos campos comuns; e no terceiro nível, buscou-se compreender os posicionamentos identificados, através de uma ancoragem em metassistemas institucionais ou ideológicos. Esta terceira etapa se ampara em elementos não textuais.

1º Nível de análise: Identificação do campo comum da representação social da violência

A análise do corpus total, obtida através das entrevistas, revelou a existência de 6 Classes, organizadas em dois blocos. A Figura I apresenta essas classes e a relação

entre elas. A seleção das palavras que compõem as classes foi redigida levando em consideração a frequência e o percentual de distribuição de cada palavra em cada classe, considerando-se os X^2 encontrados. O primeiro bloco, constituído pelas Classes 1 e 5, que estão correlacionadas a 0,60; refere-se à violência enquanto fenômeno próximo aos sujeitos, e presente na realidade cotidiana. O segundo bloco, composto pelas Classes 2 e 4 correlacionadas a 0,72 e pelas Classes 3 e 6 correlacionadas a 0,68; refere-se essencialmente às motivações e mecanismos (individuais e sociais) desencadeadores da violência.

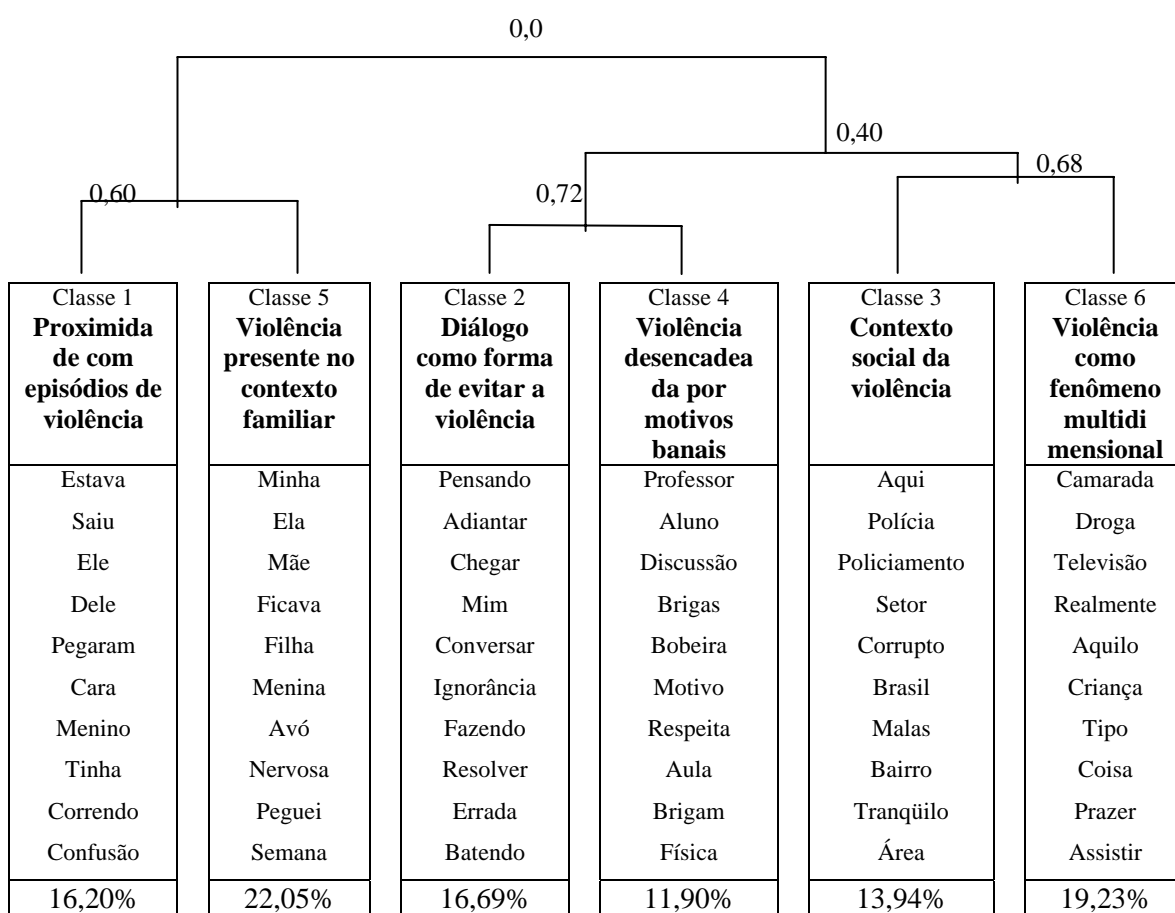


Figura I – Campo comum da representação social da violência elaborada por adolescentes, organizado em 6 classes.

Classe 1: Proximidade com os episódios de violência.

Esta classe concentra a descrição detalhada de episódios de violência física, envolvendo principalmente o uso de armas (revólver e arma branca) e luta corporal. Os sujeitos demonstram grande proximidade com estes episódios que envolvem amigos, vizinhos, colegas ou eles próprios; ao mesmo tempo o discurso sugere certa naturalização desse fenômeno. A organização do discurso em torno dos episódios de violência física indica que estes se encontram incorporados ao cotidiano, fazendo parte da realidade dos jovens entrevistados.

Extratos de discursos típicos da Classe 1:

- *“já morreu um outro amigo meu só porque ele estava com a camisa. Deram três tiros na barriga dele. Só porque ele estava com camisa mesmo do Goiás.”*
- *“pegaram o carro dele e levaram ele até o meia ponte e bateram nele até mesmo. Depois pegaram e tiraram o som do carro dele, as rodas e deixaram o cara lá no meia ponte.”*
- *“a menina estava com o nenenzinho dela no braço. Aí ele foi para acertar a faca nela e errou e pegou bem no nenenzinho. Pegou bem na barriga do nenenzinho assim.”*
- *“teve um dia que ele estava sentado na porta da casa dele, de noite. Passaram duas pessoas de moto correndo e descarregou o revólver no rumo dele. Descarregou o revólver.”*
- *“aí depois juntou um montão de gente só em dois. Aí segurou ele e começou a bater nele. Um montão de gente só batendo em dois. Aí foi e deu um tapa na cabeça dele e ele caiu no chão. O outro viu e saiu correndo e ligou para os outros colegas dele.”*

Classe 2: Diálogo como forma de evitar a violência.

Classe que concentra o discurso de adolescentes mais jovens (16 anos) e destaca o diálogo como forma de evitar a violência. Os sujeitos entrevistados afirmam que muitas pessoas não acreditam que o diálogo seja uma forma eficaz de resolver os conflitos, assim como muitos não tem calma nem paciência para

conversar, por isso preferem resolver os problemas através da violência. Nesta classe são apresentados episódios onde as trocas de olhares e as conclusões precipitadas são elementos que propiciam o uso da violência e que, segundo os sujeitos entrevistados, poderiam ser evitados com o diálogo.

Extratos de discursos típicos da Classe 2:

- *“ele pensa: se eu conversar não vai adiantar nada. Melhor é já chegar já batendo para ver se resolve. Conheço. Eu conheço uns amigos meus que é bem assim, eles não sabem conversar não.”*

- *“eu acho que é fraqueza de pensamento, sabe? Se você analisar outra forma de conseguir receber seria bem melhor. Se tivesse outra forma, se pensasse outra forma, não tirando a vida. Mas tirou a vida dele e ainda não recebeu. Não adiantou nada.”*

- *“aí eu falo: mãe, não vai adiantar nada bater, você tem que sentar, conversar, ver para tentar ver. Se de tudo na conversa que você esta tendo com ele não adiantou aí sim é outra história.”*

- *“conversando né, porque eu creio que violência não leva a nada. A gente resolve mais na conversa, é na conversa. Só que ele não fazia isso, ele não conversava com ela. Muitas pessoas pensam que se for conversar, tentar conversar, isso não vai levar a nada.”*

- *“às vezes a gente não esta nem falando dela, não está nem conversando sobre ela. Mas aí já chega já, já vem para cima já. Você esta falando de mim. E se você falar: não, você está ficando doida, ninguém está falando de você, ninguém está fazendo isso.”*

Classe 3: Contexto social da violência.

Nesta classe os sujeitos localizam a violência como estando presente (ou ausente) no bairro, na cidade e no país. Trata-se de um discurso de característica social, que aponta o governo e a polícia como responsáveis pela violência e capazes de atuação contra ela. Nesta classe a polícia é criticada em sua atuação e acusada de ser corrupta e de proteger os bandidos. Nota-se que há diferenças de percepção da violência no que diz respeito à sua localização e proximidade. A maioria dos sujeitos

a localiza como fenômeno próximo e presente na realidade concreta em que vivem; enquanto que alguns apontam a existência da violência como um fenômeno distante, localizado “em outros bairros”.

Extratos de discursos típicos da Classe 3:

- *“com certeza iria acabar. Mas a base disso está no governo, o governo tem que agir. Se o governo pelo menos olhar para esse lado.”*

- *“os malas já estão bem atentos ao policiamento. Primeiro porque esse bairro é um bairro meio isolado, muito longe dos outros. É o último bairro da cidade. E em volta aqui é cheio de mato, cheio de lugar para esconder, tem o Cepaigo aqui perto. E também por ser bairro militar.”*

- *“eu fico sozinho em casa direto e nunca aconteceu nada assim. Nada que eu ficasse sabendo. Eu me sinto seguro. Tem, pouco mas tem. Deveria ter mais. Mas uma coisa que eu acho, pelo policiamento.”*

- *“o bairro aqui é ponto de droga inteiro. Esse bar que tem em frente aí é maloca desses traficantes aí tudo. Esse bar aí. Não tem policiamento, não tem nada. É droga, é arma, é tudo aí. Principalmente à noite. O bairro é perigoso. Poderia melhorar, mas dependendo de quais policiais.”*

- *“medo de ser assaltado, de acontecer alguma coisa. O pessoal daqui não. Com o pessoal daqui eles não mexem, mas os de fora mexem com os daqui. Os malas de fora, de outro setor, vem para cá. Os malas do Nova Esperança vem pra cá. Tem. Querendo disputar. Querendo ganhar o território do outro.”*

Classe 4: Violência desencadeada por motivos banais.

Esta classe destaca um discurso onde as brigas e confusões, na maioria das vezes, apresentam motivações banais. Disputas por um namorado, rivalidade entre times, discordância a respeito de nota, necessidade de auto-afirmação, dentre outros, são apontados como motivos frequentes para brigas. Nesta classe os sujeitos destacam particularmente o ambiente escolar como palco para a violência motivada por banalidades, envolvendo professores e alunos. Vale destacar que os sujeitos

demonstram perceber a banalidade das motivações que envolvem essas brigas e expressam por elas notória reprovação.

Extratos de discursos típicos da Classe 4:

- *“é comum. Já está acostumado. Não, é isso. Eles não respeitam os professores e depois querem que eles fiquem de boa assim. Por exemplo, eles tiram nota baixa, não passou de ano na matéria do professor de matemática. Aí vai tirar satisfação com o professor de matemática.”*

- *“as pessoas assim, muitas pessoas se sentem superiores a outra e já começam. Nem conhecem a pessoa e já julga ela pela aparência. Ai já começa a implicar com as outras por bobeira.”*

- *“aí eles matam a pessoa por pequenas coisas. O que eu mais fico sabendo de confusão ou é por causa de briga, de briguinha que não tem nada a ver. Tipo assim, por exemplo, um menino encarar o outro aí já, nossa deus, já é um motivo aqui nesse colégio.”*

- *“eu acho que briga por causa de namorado. Uma mexer com o namorado da outra. A maioria das brigas aqui é por isso. Uma mexe, a outra não gosta, aí começa a discussão e começa a trocar tapa.”*

- *“são tantas coisas. Até time de futebol. É namorado, a algum jogo de alguma coisa. Às vezes as pessoas ficam até com inveja umas das outras porque a outra sabe mais, a outra participa mais da aula.”*

Classe 5: Violência presente no contexto familiar.

Classe que concentra o discurso de adolescentes do sexo feminino a respeito da violência presente dentro do contexto familiar ou em situações onde familiares atuam como rede de apoio contra a violência. Em relatos carregados de afeto, os sujeitos entrevistados falam de violência contra a mulher e violência de pais contra filhos, sendo estes tipos de violência muitas vezes presentes dentro do próprio contexto familiar do sujeito. Nesta classe também, membros da família são

apontados ora como agentes de violência e ora como pertencentes a uma rede de proteção contra a violência e o sentimento de insegurança.

Extratos de discursos típicos da Classe 5:

- *“assim quando ela começou a estudar e ela ia ensinar a menina a fazer tarefa. Quando a menina ficava chorando ela falava para a menina. Você cala a boca senão eu vou bater em você, você vai ficar toda retalhada. Aí a menina fazia a tarefa chorando e rápido.”*

- *“minha mãe me defendeu mesmo. A menina ficou toda machucada. Minha mãe nem brigou comigo não. Meu pai encheu o saco só que minha mãe começou a brigar com ele.”*

- *“ai minha tia ia lá na minha avó, ficava um tempinho. Aí ele já começava a implicar porque ela estava indo na casa da mãe dela e ela estava demorando.”*

- *“às vezes ele pega a minha filha e bate nela no meio da rua na hora que ela vem para a escola, eu fico com medo. Nós falamos para ela: é só a senhora vir e registrar queixa, registrar uma queixa.”*

- *“meu pai ia pondo essa coisa na cabeça dele e a minha mãe ficava enchendo a paciência dele. Aí depois ele ficava muito bravo mesmo. Aí ele falava com a minha irmã ela não tomava jeito. Aí meu pai foi ficando com essa raiva dentro dele aí ate hoje ele não gosta mais do Maurílio não.”*

- *“estava na cama do beliche de cima, todo jogado. Minha mãe foi falar com ela que ela tinha pegado sem permissão e que ainda estava jogado. Ela foi e começou a gritar com a minha mãe sem mais nem menos, começou a falar alto com a minha mãe. Aí eu fui e entrei.”*

Classe 6: Violência como fenômeno multidimensional: drogas, miséria, personalidade, criação familiar etc.

Esta classe concentra o discurso de adolescentes mais velhos (18 anos) do sexo masculino, a respeito das possíveis causas da violência. Os sujeitos entrevistados apontam a miséria, a fome, as drogas, a criação familiar, a personalidade, dentre outros como elementos que levam as pessoas a usarem a violência. Nesta classe o papel da estrutura e educação familiar é destacado pelos sujeitos. Os adolescentes

entrevistados sugerem que, uma vez usada a violência como forma de obtenção de vantagens, esse meio torna-se fácil, banal, comum, e dificilmente é abandonado.

Extratos de discursos típicos da Classe 6:

- *“tem pessoas que tem prazer em fazer esse tipo de rixa entre as pessoas. Então isso aí, querendo ou não, isso aí é uma certa rivalidade. Grupos também, futebol.”*

- *“ao mesmo tempo ele não vai ter a educação necessária. Ele não vai ter aquela educação, aquela atenção, aquele amor da família realmente. Então ele cresce uma pessoa sem amor, sem estruturação familiar, sem às vezes, até sem informação. Então com isso o camarada fica mais vulnerável a violência.”*

- *“eu acho que uma pessoa de renda baixa, ganhando um salário. Não têm como sair, ir ao cinema, ir ao shopping, ao clube, festas, eventos desportivos. Mas, essa pessoa na necessidade parte para o crime. Ela vai acostumar. Praticando esse crime ela vai achar fácil. Acho que e isso.”*

- *“todo mundo sabe o que acontece. Todo mundo sabe o que as drogas causam, então é um camarada mal estruturado que entra nesse tipo de coisa. Isso aí, acho que daqui pra frente isso vai virar uma coisa banal. Já é, já está sendo uma coisa banal a violência. Você vê tanto.”*

- *“o que eu penso de violência é que desde o principio começa na família. Tanto violência, quanto droga, quanto qualquer anomalia assim. Eu acho que vem, em principio, em da família. Se o camarada não tem uma boa educação, se o camarada não tem uma família bem estruturada, não tem aquele apoio familiar.”*

2º Nível de análise: Posição dos sujeitos face ao campo comum das representações sociais.

A Análise Fatorial de Correspondência permite a visualização das diferenças grupais no plano fatorial, possibilitando uma complementação das informações de tipicidade já apontadas na Classificação Hierárquica Descendente, conforme a distribuição das classes. Assim, a Figura II apresenta o Plano Fatorial contendo a projeção das variáveis e das seis classes examinadas anteriormente. A distribuição

não aleatória destes elementos em diversas zonas do Plano Fatorial possibilita a percepção de duas grandes dimensões acerca da violência.

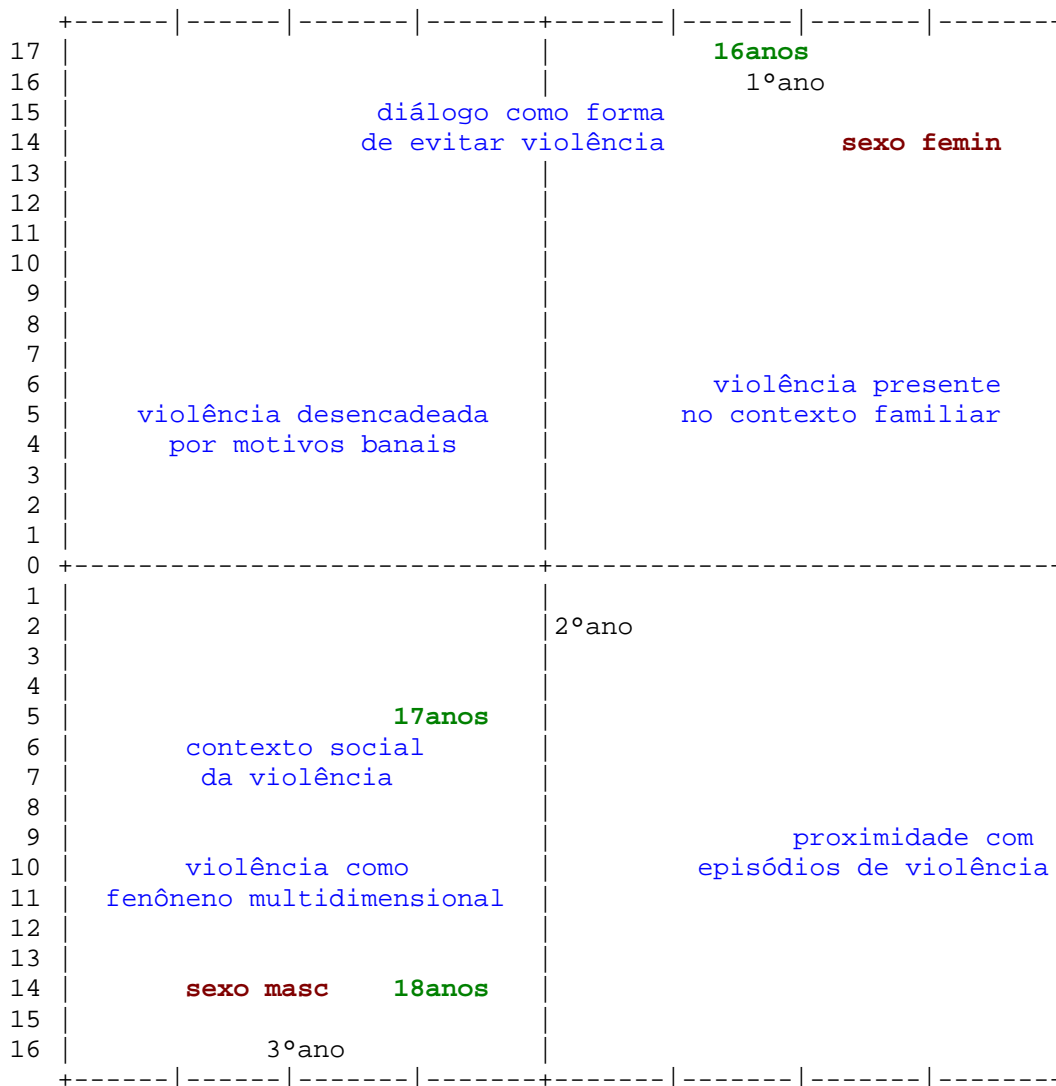


Figura II – Plano fatorial contendo a projeção das classes e variáveis analisadas no estudo da representação social da violência em adolescentes.

A primeira dimensão está relacionada às questões de gênero, onde a representação social da violência apresenta distinções segundo o gênero masculino e feminino. O discurso dos sujeitos do sexo feminino organiza-se em torno de uma concepção de violência como inerente à pessoa e às relações interpessoais. Nesse

sentido, as relações familiares e o contexto familiar são apresentados como frequentemente permeados pela violência. As dificuldades de reflexão e diálogo diante dos conflitos existentes nas relações interpessoais são apontadas como elementos que propiciam o uso da violência.

Por outro lado, o discurso dos sujeitos do sexo masculino apresenta uma visão mais social da violência. Trata-se de um discurso que aponta para as causas e condições que favorecem a violência, e que destaca a existência da violência enquanto fenômeno socialmente localizado e determinado. A ineficácia e corrupção da polícia, o descaso do governo, o uso de drogas, a pobreza, o tipo de educação familiar etc., são elementos apontados como estando diretamente relacionados à violência.

Comparando esse discurso ao discurso feminino, nota-se que há uma diferença de foco. Enquanto os sujeitos de sexo feminino têm uma percepção da violência mais ligada às microrrelações de poder, aos conflitos interpessoais; o discurso dos sujeitos de sexo masculino destaca as macrorrelações de poder, apresentando uma visão socialmente mais ampla da violência.

Uma segunda dimensão aponta para uma diferenciação da percepção de violência de acordo com a faixa etária dos adolescentes entrevistados. Os adolescentes mais jovens (16 anos) concentram seus discursos acerca da violência localizando-a enquanto fenômeno inerente às relações interpessoais, enquanto que os adolescentes mais velhos (18 anos) apresentam um discurso voltado para uma percepção da violência enquanto fenômeno socialmente estruturado.

Nota-se, portanto, uma proximidade entre os discursos que marcam os sujeitos de sexo feminino e os mais jovens (16 anos), e uma proximidade entre o discurso tipicamente masculino e o discurso de adolescentes mais velhos (18 anos). Uma

análise da média de idade dos adolescentes (17 anos para o sexo feminino e 16,8 para o sexo masculino) sugere que esta proximidade de discurso provavelmente não está associada a um viés de distribuição da amostra. Apesar deste estudo não permitir afirmações conclusivas em relação a estes dados, é possível que esta proximidade entre o discurso feminino e dos sujeitos mais jovens (16 anos), e a proximidade entre o discurso masculino e dos sujeitos mais velhos (18 anos), encontre justificativa em elementos socioculturais que possibilitam aos adolescentes mais velhos estarem voltando seus interesses e atenções para o mundo externo mais que os adolescentes mais jovens.

3º Nível de análise: Estudo da ancoragem dos posicionamentos dos sujeitos (grupos) face ao campo comum

Quanto a este nível de análise, a técnica do ALCESTE permite apenas algumas inferências, uma vez que o plano fatorial não inclui os elementos justificadores das posições dos sujeitos (grupos), embora a organização das posições seja o indício mais pertinente de que algum metassistema possa estar incidindo sobre esta mesma organização.

Neste estudo em especial, duas metarregulações podem ser identificadas: uma ligada ao *gênero* e outra relacionada à *idade* dos sujeitos. Assim, podemos afirmar que as distribuições de posição dos sujeitos no plano fatorial podem ser justificadas por um conjunto de valores e normas que regulam as relações entre os gêneros e que a faixa etária dos sujeitos exerce influência na organização dos conteúdos representacionais.

No caso do que foi apresentado como uma “dimensão de gênero”, os dados obtidos nas entrevistas corroboram estudos da área que apontam a violência (em especial a violência física) como sendo um fenômeno tipicamente masculino. Os jovens do sexo masculino são as maiores vítimas e os principais agentes da violência. Parece significativo que os episódios de violência relatados nas entrevistas tenham, em sua imensa maioria, homens como os principais atores envolvidos. Os poucos relatos de mulheres no papel de agressores estão relacionados a casos de violência familiar (especialmente mães e filhos) e em disputas por namorados. Pode-se, portanto, afirmar que os sujeitos do sexo masculino possuem uma maior “proximidade com o objeto”, apresentando assim uma visão mais funcional da violência. Essa diferença com relação ao gênero faz com que nas sociedades modernas, homens e mulheres apresentem diferentes representações e práticas.

Com relação à “dimensão etária”, a diferença de posição dos sujeitos mostra que os adolescentes mais velhos percebem a violência enquanto fenômeno socialmente estruturado enquanto que os sujeitos mais jovens a localizam preferencialmente no interior das relações interpessoais. Essa diferença de foco pode estar relacionada com a etapa do desenvolvimento psicossocial destes sujeitos, uma vez que na adolescência os interesses tendem, gradativamente, a voltarem-se mais para as relações e ambientes sociais extra-familiares. Nesse sentido, a maior proximidade com o mundo adulto pode ser apontado como elemento sociocultural que favorece a percepção da violência como fenômeno multideterminado e presente em diferentes contextos e espaços sociais.

3.2.2 – Uma análise dos episódios de violência

Após a análise lexicográfica utilizando-se o *software* ALCESTE, os dados textuais obtidos através das entrevistas foram submetidos a uma categorização dos episódios de violência juntamente com uma análise das categorias. Esta categorização foi inspirada no estudo de Clémence et al. (2001), onde os episódios de violência são analisados em seus vários aspectos. Com base na tipificação dos episódios de violência apresentados no estudo citado, optamos por adotar as categorias: agente, vítima, observadores, tipo de violência, descrição do evento (contexto), além de acrescentarmos a categoria julgamento/avaliação. A partir dessas categorias traçamos o perfil dos principais elementos descritos nos episódios de violência.

A análise das entrevistas através de uma categorização dos episódios de violência possibilitou a identificação e análise de 59 episódios relatados pelos adolescentes entrevistados, assim como a construção do perfil dos principais elementos envolvidos. Numa tentativa de facilitar a visualização e a análise dos dados, a categorização dos episódios de violência foi organizada segundo as características dos agentes e, desse modo, obtivemos três quadros. O primeiro quadro engloba os episódios de violência que têm os adolescentes como agentes, o segundo é composto por episódios onde o agente da violência é um membro familiar da vítima, e o terceiro quadro é composto por episódios que têm policiais, criminosos, e outros tipos de agentes. Seguem, portanto, os quadros e da análise de cada categoria.

Quadro I – Categorização dos episódios de violência que apresentam adolescentes como agentes.

Episódio	Agente (adolescentes)	Vítima	Observações	Tipo de violência	Descrição do evento (contexto)	Julgamento/ Avaliação
01	Jovem de 18 anos	Padrasto	Pessoas da família e policiais	Ameaça de morte	Jovem não aceita relacionamento da mãe com o padrasto. Sempre que o padrasto (que mora em outra cidade) vem visitar a mãe, o jovem sai armado e fica na esquina esperando o padrasto.	É o sentimento, a pessoa está ferida. Nesses casos a pessoa não entende o que o outro está falando e só pensa em matar. Além disso, o padrasto humilhava muito o jovem. O principal era o ciúme.
02	O entrevistado e seu irmão “J”	Dois alunos da escola	Ninguém	Agressão verbal seguida de violência física (briga)	“J” comprou um sorvete na escola, um aluno derrubou e “J” reclamou. O aluno não gostou da reclamação e resolveu brigar quando saísse da escola. Nas imediações da escola, o aluno e um colega foram atrás de “J”, que estava com o entrevistado. O entrevistado não aceitou aquilo e bateu nos 2 alunos.	Eu não queria brigar, mas eles queriam bater no meu irmão e eu fiquei nervoso. Eu tentei conversar, mas, nesses casos não adianta. Quando as pessoas estão estressadas, nervosas, não dão importância para o que estão falando. Somente a presença de um adulto poderia evitar a briga.
03	A entrevistada	Aluna “M” da escola	Alunos da escola	Agressão verbal seguida de violência física (briga)	Entrevistada namora um menino que antes havia namorado “M”. A aluna fica com raiva e xinga a entrevistada em um momento em que esta não pode se defender. Depois de alguns dias, a entrevistada espera “M” na porta da escola e bate nela. Policiais chegam e todos fogem.	Foi a menina quem procurou briga primeiro. Mãe da entrevistada concorda com a atitude da filha, acha que esta está certa.
04	Aluno e	Aluno “P”	Pessoas	Ameaça de	Surgiram boatos de	São sempre

	seus colegas	da escola	que passavam pela rua	morte	que “M” havia mexido com a namorada do outro aluno. Este aluno chamou seus colegas e ficaram esperando na esquina da casa onde “M” estava. Estavam armados com facas. Esperaram até à noite. Um adulto levou “M” de carro para casa, evitando o confronto.	coisas pequenas, mas só conseguem resolver na violência.
05	Aluna da escola	Aluna da escola	Alunos da escola	Violência física (briga)	Nas imediações da escola sempre acontece esse tipo de briga. É sempre por causa de meninos.	As pessoas estão muito impulsivas. Já resolvem logo partir para a briga, não querem conversar.
06	Aluna da escola	Aluna da escola	Alunos da escola	Agressão verbal seguida de violência física	No pátio da escola, uma aluna mexeu com o namorado da outra, ela não gostou. Começaram a discutir e brigar. A polícia foi chamada, jogou spray de pimenta para separá-las.	É meio estranho, é infantil. É falta de pensamento, de analisar o caso. Era só conversar, mas elas já vão chegando e trocando tapas, puxão de cabelos.
07	A entrevistada	Uma aluna da escola	Colegas de classe	Agressão verbal seguida de violência física (briga)	Na quadra da escola, a entrevistada pediu para a colega não passar tocar em seus cabelos. A colega não obedeceu e passou a mão. A entrevistada não aceitou, apelou, jogou a colega no chão e bateu. Os colegas separaram a briga. Direção não ficou sabendo.	Eu era muito chatinha, gostava de brigar com todo mundo, era grilada com a vida. Meus pais brigavam muito e eu ficava chateada. As coisas aconteciam em casa e eu descontava nos outros.
08	Aluna da escola	A entrevistada	Alunos da escola	Ameaça e empurrão	Na escola, aluna chegou empurrando a entrevistada, pronta para bater. Entrevistada impediu, segurando-a. Aluna disse “eu vi o jeito que você estava olhando pra mim”, e fez ameaças. Entrevistada conversou e impediu	As pessoas não conversam, já chegam batendo, querem resolver tudo logo. É para limpar o nome. Fazem isso porque assim as pessoas ficam com medo e ninguém mexe.

					a briga.	
09	Alunos da escola que traficam drogas	Alunos da escola	Ninguém	Ameaças (com armas, facas)	Traficantes fumam maconha no banheiro da escola. Se alguém falar alguma coisa, reclamar ou denunciar, eles ameaçam. Não fazem nada, ficam só ameaçando. Agora os alunos se organizaram e ameaçaram os traficantes. Se eles mexerem com algum aluno, os alunos vão mexer com eles também.	É uma falta de respeito usar drogas dentro da escola. Coordenação sabe, até tentam tomar providência, mas não podem fazer nada. Há uma rixa entre os traficantes e grupos de alunos.
10	O entrevistado	Professor	Colegas de classe	Agressão verbal	Professor chegou nervoso em sala de aula. Alunos fizeram uma brincadeira, ele estressou e começou a ofender os alunos. O entrevistado não gostou (sentiu-se ofendido), ofendeu o professor e questionou seu profissionalismo. Professor aplicou uma prova como punição. Foram resolver na coordenação.	No impulso eu falei coisas que não queria falar pra a pessoa. Acho que não devia ter falado porque não sabia o que estava acontecendo com o professor. O problema é a impulsividade. Ninguém da conta de segurar o impulso por muito tempo.
11	Aluno da escola	Professor	Colegas de classe	Ameaça	Aluno é do grupo dos que gostam de curtir a vida e os professores não aceitam. O professor errou o cálculo da nota do aluno, este achou ruim e foi reclamar. Acabou ameaçando bater no professor. Professor avisou na coordenação e vai dar queixa na delegacia.	O professor gosta de ser o dono da verdade, gosta de subir em cima do outro, usar o outro como escada. Ele quer aproveitar a fraqueza do outro. Esse professor só vai ficar feliz quando sair do colégio, mas tirar o aluno, deixar o aluno reprovado também. Todos sabem que os dois não se dão bem.
12	Alunos da escola	Professora	Colegas de classe	Ameaça de morte	Alunos sempre trancavam os materiais da professora no armário	Tudo começou por uma brincadeira. Foi uma brincadeira.

					por brincadeira. Um dia ela apelou e xingou os alunos. Alunos resolveram “mexer” com a professora e mandaram bilhete anônimo ameaçando de morte. Professora deu queixa na delegacia e parou de lecionar naquela turma.	Os professores se acham superiores aos alunos porque estudaram mais. Jogam na cara e ficam humilhando os alunos. Às vezes até chamam a gente de burros, ignorantes.
13	O entrevistado	Professor	Colegas de classe	Agressão verbal	Durante a aula todos os alunos estavam conversando. Todos se calaram e o professor ouviu somente a voz do entrevistado. Professor mandou aluno sair da sala e ir para a secretaria, pois estava atrapalhando a aula. Entrevistado argumentou que queria ficar, pois precisava de nota. Professor não aceitou o argumento. Entrevistado se retirou ofendendo xingando o professor.	Nesses dias eu estava nervoso porque precisava de nota. Tinha muita gente conversando e o professor brigou só comigo. Achei ruim e fiquei nervoso na hora, mas não guardo rancores.
14	A entrevistada	Professor	Colegas de classe	Agressão verbal	O professor estava enrolando para arrumar um erro na nota da entrevistada. Ele falou que arrumaria depois e demorou. Entrevistada ficou nervosa e ofendeu o professor.	Tentei resolver de todas as formas, até chegar a um ponto que não dava mais e parti para a ignorância. Foi um erro. Não gosto de resolver as coisas quando estou nervosa, pois assim as pessoas não medem as palavras.
15	Aluno da escola	Professor	Colegas de classe	Agressão verbal seguida de violência física.	Na sala de aula, aluno estava conversando. Professor pediu para o aluno parar de conversar. Aluno discutiu com o professor e deu um murro em sua barriga.	Ele queria impor moral para cima do professor, mostrar que ele podia fazer o que ele quisesse, mas ele acabou fazendo a coisa errada. Queria aparecer para a turma.

16	Aluno da escola	Professor	Colegas de classe	Agressão verbal, seguida de violência física.	Na sala de aula, o professor fala alguma coisa que o aluno não gosta. Aluno agride o professor verbalmente e joga a mesa no professor.	Quem faz isso soa pessoas contrariadas, revoltadas. Isso é pessoal. A pessoa já vem contrariada para o colégio e fica sensível. Qualquer coisa o leva a agredir.
17	Uma colega de classe	A entrevistada	Colegas de classe	Discriminação racial (xingamentos)	Desde que entrou na escola os colegas fazem brincadeiras relacionadas à raça. Não tem motivo aparente. Entrevistada diz que “não dá bola”. Falou com a coordenação mas não adiantou nada.	Eles fazem isso por gosto, eles gostam, por vontade de se mostrarem.
18	Aluna do 2º ano	Aluna do 1º ano e sua irmã	Alunos da escola	Discriminação racial seguida de violência física	Aluna do 2º ano xingou aluna do 1º ano de “negrinha”. A vítima chamou sua irmã e foram brigar com a agressora. Ambas apanharam.	Não precisa ter motivo. Aqui, se a pessoa não vai com a cara da outra, só de olhar já dá briga, sem nem conhecer a pessoa. As brigas são legais, é uma forma de diversão.
19	Irmão da entrevistada	A entrevistada	Pessoas da família	Discriminação racial (xingamentos)	Irmão xinga a entrevistada sem motivo aparente, evita estar perto dela, diz a todo mundo que ele não é irmão de gente preta e que não gosta dela.	Não entende porque ele age assim. Pensa que o irmão pode ter ciúmes dela com os pais. Sente-se humilhada e busca provar para o irmão que eles são irmãos sim.
20	O entrevistado	O irmão	Ninguém	Agressão verbal seguida de violência física	Entrevistado pede algo ao irmão e este finge que não escuta. Sempre que estão sozinhos em casa isso acontece. Começam a xingar, se ofendem e brigam.	Sempre foi assim, acha que todo irmão é assim. Isso é normal.
21	O entrevistado	O irmão	Pessoas da família	Violência física (brigas)	No ambiente familiar, tudo é motivo para brigas. Entrevistado fala e irmão não obedece, isso gera briga. Irmão discute com a	Irmão quer ser superior e entrevistado não aceita, não gosta disso. O irmão é ignorante e o entrevistado não

					namorada e quer descontar nas pessoas, isso gera briga.	deixa por menos. O irmão quer poder tudo e acha que todos devem obedecer a ele.
22	O entrevistado	A irmã	Pessoas da família	Agressão verbal	Em casa, irmã usou secador de cabelos da mãe e deixou fora do lugar. Mãe reclamou, filha gritou e a mãe passou mal. Entrevistado agrediu verbalmente a irmã.	Não aceita ver nenhum tipo de agressão de filhos contra pais. Fica revoltado e agride a irmã. Não entende porque é assim.
23	Integrantes de torcida organizada	Integrantes da torcida rival	Policiais	Agressão verbal e ameaça de morte	Numa rua próxima a escola, um torcedor foi espancado por 2 integrantes da torcida rival. Cada um chamou sua turma. Uma torcida ficou na parte de baixo da rua, a outra ficou na parte de cima. Estavam armados, discutiram e ameaçaram.	Eles querem mandar. Cada uma das torcidas quer liderar uma área e não deixar o outro mandar.
24	Integrantes de torcida organizada	Líder de torcida rival	Os Visinhos	Tentativa de assassinato	Líder de torcida sentado na porta de sua casa, à noite. Passaram 2 pessoas em uma moto e descarregaram revolver nele. Nenhuma bala acertou.	É por causa da rivalidade entre as torcidas. É uma infantilidade. Só porque a pessoa usa camisa de um time que o outro não gosta. Não consigo entender o que se passa na cabeça dessas pessoas.
25	Jovem torcedor do Vila Nova	Jovem torcedor do Goiás	Clientes do bar	Agressão verbal seguida de violência física (briga)	No bar, torcedor do Goiás fez brincadeira com o time adversário que havia perdido o jogo. O torcedor não gostou e começaram a brigar. Quebraram todo o bar.	Era só uma brincadeira e ele não aceitou. Era para ter levado na esportiva, mas ele levou para a ignorância. Essas pessoas de torcida, é um querendo ser mais que o outro. Eles pensam que fazendo isso eles vão estar com mais imagem, que nunca vão cair.
26	Integrantes de torcida	Integrante de torcida	Amigos	Assassinato	Torcedor sempre batia em pessoas do time adversário.	É totalmente inexplicável. Um quer ser melhor

	organiza da	rival			Estava na casa de um amigo e pessoas do time adversário o esperavam na porta. Discutiram. Pessoas do time adversário deram 3 tiros e fugiram de moto	que o outro. Se não ganhar no jogo, na violência ele vence. É para compensar, para não ficar por baixo.
27	Jovem usuário de drogas	Irmã e seu bebê	Vizinhos	Violência física	Jovem estava brigando na rua. Irmã foi separar a briga. Irmão não gostou. Buscou uma faca e foi atacar a irmã. A faca acertou o bebê que estava no colo dela. Vizinhos o conteram.	Isso é por causa da droga. A pessoa fica muito agressiva

Perfil dos agressores, das vítimas e dos observadores

A partir de uma categorização dos episódios de violência narrados pelos sujeitos da pesquisa, obtivemos 27 episódios que apresentam adolescentes como agentes de violência (agressores), o que corresponde a 45,8% do total de episódios relatados. Apesar da variável “idade” não ter sido diretamente investigada no estudo, os relatos de situações que envolvem festas, contexto escolar, contexto esportivo e ligado à torcidas organizadas, etc., indicam que estes agressores são, na maioria das vezes, adolescentes. Por outro lado, o não questionamento direto a respeito da faixa etária dos agressores possibilita que vários outros episódios envolvendo agentes adolescentes fossem excluídos desta estatística. Este indício a respeito da faixa etária dos agentes de violência vai ao encontro de tendências atuais no estudo da violência, no que diz respeito ao freqüente envolvimento de jovens com este fenômeno. No entanto, vale ressaltar que os sujeitos entrevistados eram adolescentes e, portanto, há uma tendência natural destes dirigirem seus discursos ao próprio universo juvenil por eles vivido.

Nota-se nos relatos dos sujeitos uma grande quantidade de eventos onde o próprio entrevistado é o agente de violência. Estes casos representam 33% dos relatos envolvendo adolescentes no papel de agente. Outro dado expressivo refere-se ao gênero dos adolescentes agressores. Na grande maioria dos casos o agressor é do sexo masculino (70%, contra 30% do sexo feminino) e essa diferença se repete quando analisamos o gênero das vítimas. Assim, os dados apresentados corroboram estudos que localizam a violência como fenômeno tipicamente masculino, e que tem os jovens como agentes e vítimas preferenciais.

Com relação às vítimas, os episódios de violência categorizados revelam frequentemente a existência de uma relação de proximidade e coleguismo entre o agressor e a vítima, anterior ao evento relatado. Vários relatos envolvem a relação de coleguismo em contexto escolar, de bairro, a relação professor-aluno, entre outras. Um aspecto a ser destacado é a grande quantidade de professores no papel de vítimas da violência e de colegas de escola.

A partir daí, pode-se sugerir que, a violência, um fenômeno social que acontece em um contexto de interação entre os agentes e que envolve prioritariamente uma situação de conflito, encontra nas relações de proximidade entre seus atores um espaço privilegiado para sua emergência. Tal situação tornar-se-ia possível devido a um provável exercício de liberdade de expressão das necessidades, desejos e expectativas de um ator social sobre o outro, existente nas relações sociais de (ao menos, relativa) proximidade.

Considerando a presença ou ausência de observador, nota-se que são poucos os episódios de violência em que agressor e vítima estão isolados. Na imensa maioria dos relatos o episódio violento acontece na presença de observadores que conhecem e apresentam relação de proximidade com os atores participantes. Nota-se, porém,

que esta proximidade não impede que os observadores apenas assistam passivamente à cena. Diante da expressividade deste dado pode-se sugerir a hipótese da existência de um tipo de norma social que limita o confronto violento aos seus atores principais, impedindo a interferência de observadores a favor de um o outro ator.

Tipos de violência

Com relação aos tipos de violência podemos destacar como característica central a referência à violência física, principalmente as brigas que envolvem murros, chutes, tapas, rasteiras, etc. que representam 45% dos relatos. Acompanhando essa tendência, verifica-se uma grande quantidade de relatos de ameaças de morte e de agressões verbais que, frequentemente, evoluem para a violência física. A grande quantidade de relatos que privilegiam os episódios de violência física vai ao encontro de uma tendência à percepção da violência ligada prioritariamente à agressão física grave e à morte. Esta percepção provavelmente está relacionada a uma naturalização e banalização da violência, que passa a ser percebida enquanto tal em situações consideradas graves.

Outro aspecto bastante enfatizado pelos sujeitos diz respeito à violência simbólica que aparece tanto na forma de discriminação racial como também na forma de ameaça e de agressão verbal. Esse tipo de violência é destacado principalmente pelos sujeitos que estiveram, eles próprios, envolvidos no evento violento. Vale também apontar que esse tipo de violência também se configura como a mais comum contra professores.

Perfil dos episódios de violência

Com relação ao perfil dos episódios de violência, 59,3% dos relatos envolvendo adolescentes no papel de agentes da violência acontecem ou estão relacionados ao contexto escolar, os outros relatos referem-se a eventos ocorridos no contexto familiar (18,5%) ou em ambientes públicos (22,2%) tais como o bairro, a rua, bares etc.

Um ponto merecedor de destaque diz respeito ao desenrolar do episódio violento. Dos eventos relatados, 33,3 % tem início em uma discussão (por motivos variados) e evolui para uma situação de violência física. Ao que parece, nestas situações de conflito há uma escalada do nível de agressividade, indo de uma violência simbólica à violência física.

Através dos relatos também podemos perceber que a maioria dos episódios de violência envolve o que nós entendemos como motivos banais dentre os quais podemos destacar os boatos, as trocas de olhares, os erros de notas, pedidos para fazer silêncio, uso de camiseta de torcida de futebol etc. Nota-se assim que estas situações precipitadoras da violência poderiam facilmente ter outro desfecho.

Essa percepção aponta mais uma vez para a existência de uma banalização da violência, de modo que esta se torna uma resposta natural, uma reação comum aos sujeitos. Assim, a violência gradativamente adquire o status de norma social, passando a ser considerado o comportamento esperado diante de um conflito.

Perfil dos julgamentos e avaliações

Com relação aos julgamentos e avaliações realizados pelo sujeito entrevistado acerca do episódio de violência descrito, podemos notar tanto uma tendência em buscar explicação para o ato violento (o que teria motivado o comportamento violento), como também indícios de que o sujeito julga tal ato justificável.

De um modo geral, nos casos onde o sujeito entrevistado relata um episódio onde ele próprio atua ativamente como agente de violência, a busca por justificativas para o evento apresenta-se de forma mais evidente. Nestes casos as justificativas principais são aquelas que remetem a um nervosismo ou impulsividade por parte do agente, a problemas familiares, ou ainda ao comportamento provocativo da vítima.

Nos demais episódios descritos, notamos que a maior parte dos sujeitos procura encontrar uma justificativa que torne o ato violento aceitável. Ao que parece o adolescente entrevistado realiza uma identificação empática com o jovem agressor (na maioria das vezes colega de bairro ou de escola) e busca justificar seus comportamentos violentos. Assim, surgem como justificativas aceitáveis o nervosismo, a impulsividade, a necessidade de auto-afirmação, os problemas familiares e pessoais, o comportamento provocativo da vítima, entre outros.

Quadro II – Categorização dos episódios de violência que apresentam familiares das vítimas como agentes.

Episódio	Agente (familiares)	Vítima	Observadores	Tipo de violência	Descrição do evento (contexto)	Julgamento/ Avaliação
01	Marido	Esposa	Filhos do casal	Assassinato	Ele falou que seria um bom marido. Uma semana depois,	

					em casa, ele chamou os filhos para assistirem, a morte da mãe.	
02	Marido	Esposa grávida	Ninguém	Assassinato	Descobriu que a esposa o havia traído.	Ele teve razão em ter uma reação violenta, mas não precisava fazer mal a ela. Matar é para pessoas fracas da cabeça, perturbadas. São insatisfeitos consigo mesmos que tentam descontar nos outros. Foi machismo, ele não aceitou a traição.
03	Pai da entrevistada	Mãe da entrevistada	Filhos	Violência verbal e física	O pai bebia, ficava alterado e tudo era motivo de briga em casa, com a esposa e os filhos. Durante a separação, houve disputa pelos bens e pela guarda dos filhos, e as brigas se agravaram.	Por causa da bebida, o pai ficava alterado. Durante a separação, foi muito ambicioso, mas o juiz dividiu tudo em partes iguais. Acha que na hora da raiva a pessoa não pensa, quer chegar lá e brigar, não consegue conversar
04	Pai da entrevistada	Mãe da entrevistada	Filhas	Violência física	Marido queria dar um livro de receitas de sua esposa para a vizinha. Esposa não deixou. Começaram a discutir. Ele rasgou o livro, espancou a mulher, escondeu as bíblias e os Cds da casa.	
05	Marido	Esposa (tia da entrevistada)	Pessoas da família	Violência física	Tia ia visitar a mãe ou as irmãs, marido dizia que ela demorava. Quando chegava em casa, marido a espancava.	Ele sempre foi uma pessoa violenta, até com as mulheres anteriores. Ele tem muito ciúme. Acha que ele não gosta da tia. Tia está com ele porque tem medo. Ele não consegue

						conversar, já chega batendo.
06	Marido	Esposa	Pessoas da família	Agressão verbal seguida de violência física	Esposa pediu dinheiro para fazer compras na feira. Marido disse que ela gasta muito e que ia descobrir o que ela fazia com o dinheiro. Começaram a discutir. Marido agrediu esposa.	Eles brigavam muito, estão acostumados. Os motivos são sempre supérfluos.
07	Pai da entrevistada	Entrevistada	Pessoas da família	Violência física	Irmão é racista e ofendeu entrevistada. Ela não aceitou, descontrolou-se e brigou com o irmão. Pai tentou contê-la, ela correu. Pai deu-lhe uma rasteira e a espancou.	Pai ficou nervoso na hora porque fiquei descontrolada. Ficou nervoso e não conseguiu se controlar. Depois pediu desculpas pelo que fez.
08	Pai da entrevistada	Namorado da filha	Pessoas da família	Ameaça de morte	Pai não concorda com o namoro da filha. Namorado enfrenta os pais e causa confusão sempre que vai na casa da namorada. Xinga a mãe, come a comida da casa.	Ele é muito folgado. O pai tem muita raiva, diz que vai matar ele, e que já suportou demais.

Perfil dos agressores, das vítimas e dos observadores

A categorização dos episódios de violência narrados pelos sujeitos da pesquisa nos apresentou 08 episódios em que os agentes de violência (agressores) são familiares das vítimas. Estes episódios correspondem a 13,5% do total de casos relatados.

No que se refere à questão de gênero, quase todos os relatos envolvem a violência de um agressor do sexo masculino contra uma vítima do sexo feminino. Além disso, vale notar que a grande maioria destes relatos envolve violência do marido contra a esposa, o que corresponde a 87,5% dos casos. Ao que parece, a

violência contra a mulher encontra no contexto familiar, supostamente um ambiente de acolhimento e proteção, seu principal espaço de manifestação.

Um aspecto que chama atenção refere-se ao observador numa situação de violência doméstica. Na maioria dos casos relatados, membros da família, principalmente os filhos, atuam como observadores. Estas crianças vêm-se muitas vezes impossibilitadas de reagir à violência, permanecendo assim como observadoras passivas da situação.

Dentre os 08 episódios de violência doméstica relatados, metade (quatro) refere-se à família do próprio sujeito entrevistado. Complementando esse dado, vale citar que dos 12 adolescentes entrevistados durante toda a pesquisa, 05 (que corresponde a 41,6% dos sujeitos) afirmaram ter convivido com a violência doméstica durante a própria infância. Assim, a violência doméstica surge como uma realidade de dimensões muito preocupantes e que, certamente, deixa suas marcas na forma de perceber e atuar na vida destes jovens.

Tipos de violência

Dentre os tipos de violência praticada por familiares, podemos notar que a grande maioria dos episódios de violência descrita pelos sujeitos se refere às violências físicas e assassinatos.

O destaque dado pelos adolescentes entrevistados aos episódios de violência que envolve algum tipo de lesão corporal nos leva a pensar em mais uma faceta da banalização da violência: a tendência a considerar como sendo uma violência principalmente os casos mais graves de comportamento agressivo. Isso significa que, apesar de possivelmente presenciar variados tipos de violência dentro do contexto

familiar (tais como, por exemplo, as agressões verbais e as ameaças), os episódios que são espontaneamente relatados pelos sujeitos envolvem, prioritariamente, a violência física e a morte. Ao que parece, os sujeitos entrevistados estabelecem uma associação direta entre violência e os casos que envolvem alto grau de agressividade.

Perfil dos episódios de violência

No que se refere ao perfil dos episódios de violência relatados, encontramos um ponto aparentemente comum: a banalidade do fator ou da situação precipitadora do comportamento violento. Dentre os principais motivadores podemos destacar a demora em voltar para casa, um pedido de dinheiro, ciúmes, ou simplesmente “tudo era motivo para briga em casa”. Aqui, a aparente frequência destes episódios e a banalidade das motivações violentas nos sugerem a existência de relações familiares frágeis e degradadas, marcadas pelo conflito e pela violência.

Além disso, este dado nos leva a pensar o fenômeno da violência como algo inerente às relações interpessoais, ou seja, como elemento constitutivo da interação entre indivíduos. Nesse sentido, a violência poderia ser pensada como sendo intrínseca ao contexto familiar destes sujeitos.

Perfil dos julgamentos e avaliações

Com relação aos julgamentos e avaliações dos adolescentes entrevistados acerca dos episódios de violência familiar narrados, nota-se certa dificuldade dos sujeitos em expressar juízo acerca do evento. Ao que parece, esta é uma temática que apresenta forte carga afetiva e que, por isso, torna-se de difícil abordagem. De um

modo geral, os sujeitos entrevistados desaprovam e condenam a violência no contexto familiar.

Nos episódios que envolvem membros familiares do próprio sujeito entrevistado há uma tendência em explicar a atitude violenta e também a justificá-la como sendo conseqüência do uso de bebidas alcoólicas, do nervosismo e do descontrole ou, simplesmente, o sujeito não emite nenhuma opinião a respeito. Nos episódios que envolvem relações familiares distantes do sujeito entrevistado, o ciúme, o machismo ou o simples costume de brigar aparecem como principais motivadores do ato violento.

Quadro III – Categorização dos episódios de violência que apresentam policiais, criminosos e outros como agentes.

Episódio	Agente (policiais, criminosos e outros)	Vítima	Observadores	Tipo de violência	Descrição do evento (contexto)	Julgamento/ Avaliação
01	Policiais	O entrevistado e seus colegas	Ninguém	Violência simbólica	Jovens iam fazer trabalho escolar. Na rua, policiais pararam o grupo, encostaram-nos na parede e os revistaram. Foram arrogantes e mandaram os jovens “tomarem cuidado”.	Foi discriminação. Policiais foram arrogantes, grossos. Eles devem fazer o trabalho deles, porém, devem ser mais educados, perguntar primeiro, revistar com mais calma.
02	Policiais	Jovens amigos da entrevistada	Ninguém	Violência física	No setor vizinho, jovens estavam fumando maconha em uma rua. Os policiais apareceram e não deu tempo deles correrem. Policiais espancaram os jovens.	Os policiais acham que fumar maconha é errado, mas eles não podem prender porque são todos menores de idade. Então os

						policias acham que tem que bater para eles aprenderem a não fazer isso.
03	Policial	Um rapaz que vende Sitpass	Pessoas que estavam no terminal de ônibus	Violência física	Rapaz estava vendendo Sitpass, mas usando a carteirinha (tirando um lucro na venda). Policial chegou, não falou nada e já deu um tapa no rapaz. Todos se assustaram e não entenderam nada	Policial usou a autoridade de forma errada. Aquilo é departamento do Setransp. Ele devia cuidar da segurança das pessoas e não provocar violência. Ele agiu por impulso e não teve bom senso.
04	Policial (pai do entrevistado)	Colega de trabalho	Policiais	Ameaça	No quartel, pai do entrevistado queria pegar um objeto no armário, colega não entrega a chave (recebeu ordens para isso). Ele ameaça colega e leva a mão à arma para atirar, mas essa havia sido recolhida pelo quartel por ordens médicas. Colegas contem o policial.	Ele estava sob observação médica, por isso estava sem arma. Os policiais não têm motivação, são muito cobrados e ficam nervosos porque não são reconhecidos pelo que fazem. A maioria dos policiais tem problemas psicológicos, principalmente os mais antigos.
05	Assaltantes	A entrevistada, irmã, professora e amiga.	Ninguém	Assalto à mão armada, e ameaça.	Curso de computação, último horário à noite. Só havia mulheres na escola. Assaltantes querem roubar os computadores da escola. Vítimas foram trancadas em um banheiro e ameaçadas com arma na cabeça.	Isso acontece porque a pessoa não tem emprego, não tem moradia. Isso a faz querer apontar uma arma pra a cabeça de outras pessoas.
06	Assaltante	Dono de supermercado		Assalto à mão armada, assassinato	Assaltante chegou no supermercado para roubar. Já chegou atirando, sem que o dono (um idoso) esboçasse reação.	É difícil entender, não sei o que passa na cabeça desses assaltantes. Parece que eles têm gosto de fazer isso, de matar uma pessoa.
07	Assaltantes (sozinhos)	O entrevistado	Ninguém	Assalto	Foi assaltado 4 vezes quando voltava de	Fazem isso por falta de

	nhos ou em grupo)				um curso que fazia aos domingos, perto da Praça Cívica. Andando na rua, os assaltantes o abordavam e roubavam seu dinheiro.	oportunidade, mas isso não é a solução. Não tiveram estudo, nem família estruturada. Quem tem mentalidade forte consegue superar, mas quem tem mentalidade fraca é levado pelos outros.
08	Assaltantes	Amigo do entrevistado	Ninguém	Assalto e violência física	Jovem voltava de uma festa. Passando por uma estrada, três homens o seguiram de carro que possuía acessórios de grande valor. Roubaram o carro, espancaram o jovem e o jogaram no rio Meia Ponte.	São pessoas que não sentem nada, são frios, gostam de ver gente apanhando. Não sei o que tem na cabeça dessas pessoas. Devem fazer isso por gostar, por prazer.
09	Assaltantes	Pessoas no ponto de ônibus	Cientes do shopping	Assalto	À noite, no final do expediente do shopping. Motoqueiro armado assaltou todas as pessoas que estavam no ponto de ônibus. Roubou dinheiro e celulares	
10	Assaltantes	Tio da entrevistada	Ninguém	Assalto e assassinato	Vitima era vigia de posto de gasolina. Assaltantes perceberam que o vigia os conhecia. Mataram o vigia.	
11	Assaltante	Dono de mercearia	Cientes	Assalto e assassinato	Vítima estava do lado de dentro do balcão. Abaixou-se e o assaltante atirou matando-o.	
12	Desconhecido	Casal de idosos	Ninguém	Assassinato	Em Bela Vista, à noite. Pessoa bateu à porta, foi recebido pelo casal. Espancou-os até a morte. Não houve roubo.	É a impulsividade. A pessoa no impulso faz coisas que a gente duvida. Se a pessoa pensar um pouquinho não vai cometer o ato, mas pelo impulso comete.
13	Traficantes	Um amigo do usuário de drogas	O usuário de drogas	Assassinato	Usuário roubava, furtava e pediu dinheiro para traficantes.	O usuário achava que a situação dele era meio baixa, que era

					Traficantes foram cobrar a dívida. O amigo estava junto e tentou argumentar, conversar. Entrou no meio da discussão, levou um tiro e morreu.	inferior, por isso começou a roubar e usar drogas. Eu acho que ele até tinha as condições básicas de vida. Isso vem de família, do comportamento dos pais, do incentivo da família na hora de conversar.
14	Traficantes	Usuário de drogas	Ninguém	Assassinato	Usuário de drogas devia dinheiro a traficantes. Usuário estava andando na rua, duas pessoas em uma moto o abordaram e deram 2 tiros.	Isso é fraqueza de pensamento, falta de pensar em outra forma de resolver o problema. Faz isso para impor moral sobre os outros, contar vantagem.
15	Traficantes	Aluno usuário de droga	Ninguém	Assassinato	Usuário de drogas devia dinheiro a traficantes. Traficantes ligaram no orelhão e pediram para chamar o aluno. Falaram para ele ir até a porta do colégio. Ele saiu, começaram a discutir e atiraram nele.	
16	Traficantes	Usuário de drogas	Pessoas que passavam pela pista de cooper.	Violência física	Usuário estava na pista de cooper. Traficantes foram cobrar a dívida, queriam pegar a bicicleta e celular do usuário. Ele não quis entregar. Traficantes o espancaram.	A culpa é da droga. Quem usa droga perde um pouco da consciência, o que está fazendo. A droga toma conta da pessoa.
17	Traficantes	Imigrante nordestino	Clientes do bar	Assassinato	Traficantes chegaram no bar e perguntaram quem era o Baiano. Imigrante levantou-se e foi fuzilado. Foi confundido com usuário de droga que devia traficantes.	
18	Professor	Alunos	Alunos	Violência verbal (xingamentos)	Aluno pegou calculadora para fazer uma conta muito simples durante uma prova. Professor disse que os alunos eram burros. O	Foi muito ruim. Ele falou pra sala, mas eu senti como se estivesse falando para mim. Ninguém ali é burro. Eu fui

					entrevistado sentiu-se ofendido e argumentou. Professor continuou os ofendendo.	espontâneo e respondi, o resto da turma ficou com medo.
19	Professora	Uma aluna	Os alunos da classe	Violência verbal (xingamentos)	Desde o primeiro dia de aula, professora tem costume de xingar os alunos. Uma aluna que gosta de dançar, ela disse que ela “gostava era de mostrar o rabo”. Todos os alunos ficam revoltados com a professora.	Professora não tem direito de falar essas coisas. Não sabe por que ela faz isso.
20	Uma vizinha	Filhas de 4 e 6 anos	Vizinhos	Violência verbal e física	Em casa e na rua, mãe xingava as filhas, batia, exigia que trabalhassem, não cuidava das filhas, humilhava-as constantemente. Abandonou as filhas e não podia voltar porque os vizinhos queriam linchá-la	Isso é falta de vergonha na cara. Essa mulher não sabe o que é ser mãe. É fraca da idéia e não tem noção das coisas, não quer ver a realidade.
21	Um vizinho	Um menino do bairro	Vizinhos	Violência física	Menino roubava as casas do bairro e batia nas crianças menores, era preso e em seguida solto porque era menor de idade. Vizinhos estavam revoltados. Um dos vizinhos pegou um pedaço de pau, encontrou o menino na rua e bateu nele.	O menino sempre ria quando os vizinhos chamavam a polícia para prendê-lo. O vizinho pensou que, já que a polícia não resolve, ele mesmo ia resolver.
22	Homem alcoolizado	Primo do entrevistado	Entrevistado, namorada da vítima, e pessoas da festa	Ameaças	Em uma festa, homem bêbado abraça a tenta beijar a moça, o namorado não permite. Pessoas da festa impedem briga. O bêbado sai da festa e fica do lado de fora ameaçando o rapaz e esperando ele passar.	A culpa é da bebida. A maioria das pessoas que bebe fica arrogante, mexendo com as outras pessoas, e provocando briga à toa.
23	Homem desconhecido	Vizinho da entrevistada	Vizinhos	Assassinato	Vizinho estava na calçada com outros vizinhos. Homem chegou, acusou-o de mexer com sua esposa. Foi embora, buscou uma arma, atirou e fugiu.	
24	Vende	Cliente		Ameaça	Cliente comprou	Sempre tem um

	dor				mercadoria com cheques sem fundos. Vendedor foi até a casa do cliente tirar satisfação. Apontou arma para o cliente, ameaçou, pegou televisão e aparelho de som.	mais estouradinho na família. Essas pessoas são mais revoltadas com a vida.
--	-----	--	--	--	--	---

Perfil dos agressores, das vítimas e dos observadores

Somando 24 eventos relatados, o que representa 40,7% do total, tem-se os episódios de violência onde os agentes agressores não se enquadram nas tabelas anteriores. Aqui, os agentes ativos da violência são policiais, assaltantes, traficantes, professores, entre outros.

Um aspecto a observar é que, apesar de a idade não ter sido uma variável diretamente observada, podemos inferir que a maior parte dos episódios relatados envolve a ação de um adulto contra um jovem.

A falta de dados torna essa inferência precária, por isto ela deve ser feita de forma cautelosa. Podemos supor, por exemplo, que os policiais e os professores descritos são adultos. Contudo, esta mesma suposição não pode ser feita em relação a assaltantes e traficantes. Sabemos que estes últimos, muitas vezes, são formados por adolescentes.

Já em relação às vítimas, a inferência com relação à idade adquire contornos mais visíveis. Tratam-se, na maioria das vezes, de colegas da escola ou do bairro, parentes do entrevistado ou ele mesmo. Assim, a maior parte dos relatos é composta, possivelmente, por vítimas adolescentes.

Quanto aos observadores, não é constante a sua presença em episódios de natureza criminosa. Já nos relatos de outra natureza, eles são pessoas que estavam

presentes no ambiente no momento do episódio, mas que, na maioria das vezes, não apresentam papel ativo de interferência. Ainda em relação aos observadores, podemos levantar a hipótese de que atuem como incentivadores (mesmo que involuntários) da violência, uma vez que é importante para alguns sujeitos afirmarem-se como fortes e superiores diante de pessoas do grupo.

Tipos de violência

Na tentativa de traçar um perfil dos tipos de violência, notamos que a violência praticada principalmente por policiais, assaltantes, traficantes dentre outros, é a que mais envolve episódios de violência física e morte. Episódios desta natureza correspondem a 62,5% dos relatos. Os episódios restantes apresentam ameaças (muitas vezes utilizando arma de fogo), assaltos e agressões verbais.

Diante destes dados, podemos supor que a excessiva agressividade destes episódios está ligada à sua motivação. Os episódios que envolvem assassinatos estão ligados a contextos de criminalidade, principalmente assaltos e acerto de contas com traficantes de drogas. A grande quantidade de relatos espontâneos de eventos nessa natureza nos revela o quanto são marcantes e impactantes para os adolescentes entrevistados.

Perfil dos episódios de violência

Com relação à descrição dos episódios de violência, notamos que se referem aos mais diferentes ambientes e situações. Os relatos envolvem episódios ocorridos

na escola, no bairro, na rua, em estabelecimento comercial etc, apresentando motivações extremamente variadas.

Na descrição dos episódios podemos notar uma tendência ao uso indiscriminado da violência física em situações de conflito. Assim, esse tipo de violência aparece tanto em contextos que envolvem um conflito entre dois atores sociais ativos (por exemplo, uma discussão entre traficante e usuário de drogas que tem como desfecho a morte de um dos atores), como também em contextos onde um dos atores atua como sujeito passivo (por exemplo, quando assaltante atira em comerciante que não reagiu ao assalto).

Nota-se, aqui de forma ainda mais clara do que nas análises anteriores, uma utilização indiscriminada da violência como instrumento para a resolução de conflitos, ou seja, uma assimilação da violência como recurso de imposição de poder em situações cotidianas.

Perfil dos julgamentos e avaliações

No que se refere aos julgamentos e avaliações emitidos pelos adolescentes entrevistados acerca dos episódios de violência por eles descritos, podemos perceber uma tendência a serem mais ‘duros’, ou seja, menos complacentes com os agressores do que nas análises anteriores.

Aqui os agentes são acusados de serem “fracos da cabeça”, de agirem por impulso, de usarem a violência por prazer, de não terem vergonha na cara etc. Contudo, também é possível encontrar no uso de álcool, na pobreza e na desestrutura familiar uma justificativa para a violência.

Ao que parece, mesmo nas situações onde o sujeito busca construir uma justificativa para a ação violenta, nota-se claramente uma avaliação negativa e de reprovação em relação a isto. Este dado sugere que os adolescentes entrevistados não se identificam com os agentes de violência nestes casos, ao contrário do que acontecia nos episódios anteriormente analisados, onde o agente da violência era também um adolescente

3.1.3 – Discussão dos resultados

O conjunto de dados apresentados nas duas análises deste Estudo 1 ilustra e reforça algumas tendências já anteriormente apontadas no que diz respeito ao fenômeno da violência, particularmente em sua relação com a juventude: a existência de uma banalização da violência e, como consequência disso, a emergência de um discurso onde a violência é reconhecida como tal em situações marcadas pela agressão física.

De modo geral, o discurso dos sujeitos demonstra que estes situam a violência como uma “fatalidade”, “algo que acaba acontecendo”, um fenômeno comum, corriqueiro, e comumente desencadeado por motivos banais. Esse tipo de representação faz com que os sujeitos apontem a presença de uma violência generalizada, e ao mesmo tempo a associem diretamente à agressão física. Nota-se que há uma consciência de que atualmente os episódios de violência física são desencadeados por motivos irrelevantes e que poderiam ser evitados. Apesar da valoração negativa que envolve a violência, esta de certa forma é vista pelos sujeitos como legítima em algumas situações, sendo até mesmo “esperada” em certos contextos, como fazendo parte de uma norma social.

Vale notar a grande proximidade que os sujeitos experimentam de episódios de violência física, envolvendo principalmente o uso de armas (revólver e arma branca) e a luta corporal. Os relatos extremamente descritivos e marcados por pouca ou nenhuma expressão afetiva apontam para uma vivência naturalizada e cotidianizada da violência.

Ao relatarem suas vivências cotidianas, os adolescentes entrevistados apresentam as relações sociais, de modo geral, permeadas pelo conflito e pela violência. Trata-se de modos de interação onde as conflitualidades encontram espaço privilegiado. Assim, elementos específicos da dinâmica adolescente como, por exemplo, a construção da identidade, juntamente com a busca por modelos identificatórios e a necessidade de auto-afirmação, têm encontrado no exercício da violência importantes recursos à sua organização.

Nota-se, portanto, que a violência tem se tornado um importante recurso utilizado pelos adolescentes nos mais diferentes contextos sociais. Ao que parece, a possibilidade de recurso à violência é percebido por esses jovens como algo aceitável e freqüentemente eficaz, tanto na manutenção das vivências e relações cotidianas como também na organização de sua identidade.

3.2 – Estudo 2: Subjetividade e Violência em Adolescentes

No segundo estudo empírico participaram dois adolescentes do sexo masculino, ambos com 17 anos de idade estudantes do ensino médio de uma escola pública de Goiânia apontada pelo departamento de inspeção escolar da Subsecretaria Metropolitana de Educação como sendo uma das cinco mais violentas, a partir da

quantidade de incidentes registrados e relatórios de visitas. Trata-se de uma das escolas onde foi realizado o estudo 1.

A escolha dos sujeitos participantes deste estudo foi feita pela coordenadora da escola diante um pedido da pesquisadora para que convidasse “um adolescente que, em sua opinião, está frequentemente próximo de situações violentas”. O primeiro adolescente pesquisado estava sendo advertido na sala da direção do colégio no momento do convite para participação da pesquisa. Ele era acusado de ter agredido um colega de classe. A aceitação para participar da pesquisa foi uma forma de livrar-se da advertência. O segundo adolescente revelou, no momento da entrevista, que era amigo do primeiro e que este já havia comentado sobre esta pesquisa. Essa informação permitiu que o segundo adolescente se mostrasse bastante à vontade durante a entrevista, inclusive falando abertamente sobre sua participação em episódios de violência.

Neste segundo estudo foram realizadas entrevistas episódicas (Flick, 2002), tendo como eixo temático central a violência. A entrevista episódica combina em sua estrutura convites para narrar acontecimentos concretos da experiência pessoal com perguntas gerais que busquem respostas mais amplas, numa tentativa de acessar o conhecimento adquirido pelo sujeito a partir da própria experiência e o conhecimento geral (não concreto, ligado à memória semântica). As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente tratadas como discursos.

3.2.1 - Estudo de caso 1

Segue abaixo trechos da entrevista realizada com o primeiro adolescente. A partir dos trechos selecionados, buscou-se uma compreensão dos elementos normativos e subjetivos presentes no relato.

“Acho que (violência) são as coisas erradas que acontecem na rua. Violência para mim é briga. Briga normal. Sei lá. Violência que eu mais vejo é isso aí.”

“(...) eu vou e pego um spray aqui agora e vou ali e picho a casa de um Fulano. Não sei que cara mora lá, o cara descobre que fui eu e vai querer resolver comigo. Fui eu que pichei. Ele não vai pedir pra eu pintar (a parede) nem nada, ele vai querer resolver na briga ou com alguma coisa. Com arma, ou uma coisa assim. (...) Eles querem ser os doidões da cabeça. Eles já querem bater, não tentam conversar nem nada.”

“Pelo apelido ele descobre quem é. É, ele picha é o apelido. Aí ele muda direto o apelido para não ser pego.”

“Aí tem uma hora que você me dá um empurrão. Eu fico meio grilado e já te dou outro. Aí você vem pra cima de mim e eu já tenho que fazer uma coisa mais doida. Já te dou uma porrada e já era. Aí já começou a briga. A coisa vai tipo por etapa, vai acontecendo. Começa com uma leve discussão e de repente um quer ser mais doidão que o outro e aí vai indo. O mau que eu acho é que um quer ser mais doidão que o outro. Querem aparecer.”

“(...) dentro de casa. Com a minha mãe e o meu pai. Meu pai era alcoólatra antes dele separar da minha mãe. Aí ele chegava e minha mãe ia falar com ele e ele batia nela. (...) Ele pegava o dinheiro de comprar as coisas para a casa e ia beber. Eu

acho que a minha mãe ia falar alguma coisa pra ele e ele já ia para a agressividade. Acho que eram mais ou menos essas coisas. (...) Antes eu era bem grilado com o meu pai. Eu achava que ele era todo errado.”

“(...) mataram um chegado meu aí no Parque Ateneu por causa de rixa de torcida. Ele era da Força Jovem e o outro cara era do Esquadrão. Ele tinha uns dezenove anos quando morreu. (...) Aí teve um comício e esse colega meu bateu no irmão de um cara. Desse cara que foi lá matar ele. Ele bateu e tomou a camiseta. Bateu por causa dessa coisa de torcida. Eles chegaram, aquele lá é Esquadrão, aí foram lá e bateram nele. Bateu nele, pegou a camiseta e rasgou. Sei lá, acho que foi isso que ele fez. No sábado, o irmão desse cara foi com um outro cara, e esse outro cara matou ele.”

“Eu estava com um chegado meu que é Esquadrão, aí passou um cara da Força Jovem. Aí o cara da Força Jovem só olhou para ele assim e passou de boa. Aí depois o cara falou, o que esses folgados estão olhando aqui para mim? Estão querendo apanhar aqui já? Estão querendo ser doidão. . Só porque é de outra torcida. (...) Um olhou para o outro e o outro já estava querendo bater no cara. Sei lá. É tipo rival um do outro. Então o que ele puder fazer de mal para o outro cara, ele vai fazer.”

“(rixar com o Setor) Santa Cruz tem ainda, tem mas não é tanto como antigamente. Igual hoje, se alguém for lá e os caras sacarem, não vão achar muito bom não. Igual eles virem aqui e passarem por alguns lugares, não é bom não. (...) igual ao caso da torcida. É praticamente a mesma coisa.”

“Vamos supor, eu sou Força Jovem e sou doidão. Eu quero ver um cara da Esquadrão que eu vou tomar a camiseta dele. Ele deve pensar assim, se eu tomar a camiseta daquele cara ali, o pessoal vai me respeitar mais. Eu vou ser mais

considerado no meio dos caras. Então ele vai lá e bate no cara. Aí os outros caras já falam: nossa, você é doidão, cara. Já fica mais de boa. Quando vai rolar uma fita (um roubo), já chama o cara já. Ele fica sendo tipo o cara do momento. Tem mais atitude que os outros. (se ele não fizer essas coisas) Aí ele praticamente nem é da torcida. Os caras já tiram ele de onda.”

“Sempre tem algumas briguinhas, mas está mais de boa, hoje (o Parque Ateneu) está mais tranqüilo. (...) Não, aqui (a escola) é tranqüilo.”

“Falaram que foi uma luta bem graduada assim. Aí teve uma hora que esse cara puxou o soco inglês para ir para cima do outro. No que ele foi para cima do outro os caras viram que ele estava com o soco inglês. Aí os caras da pichação já entraram na briga pra não deixar, não deixar o cara apanhar de soco inglês. Eles deixaram de boa, enquanto estava mano a mano, eles deixaram de boa. Quando eles entraram já, ele nem tomou porrada o cara. Quando eles entraram o cara já tirou a arma e deu um tiro pra cima. No que ele deu um tiro pra cima, os caras já vazaram e ele também já vazou.”

“É uma relação até boa assim de aluno e professor. Não acontece não. Só acontece assim, de vez em quando, o professor mandar pra fora e o aluno grilar, xingar assim. Sempre na hora, o cara grila na hora assim mas nada mais que isso. (...) Ele (falou): vai pra puta que te pariu, e não sei o que. Saiu grilado. Mas saiu do mesmo jeito, tranqüilo, de boa.”

“Tipo assim, eles (jovens de outro setor) estavam meio folgados já. Eles já são de fora já, aí eles passam encarando os caras daqui. Dois caras de moto passam encarando os caras daqui, vem no setor dos caras. Só por causa da polícia que estava lá, eles estavam passando encarando, fazendo graça, pensando que eram os tais. Aí nisso, quando os homens (policiais) foram embora, eles já iam vazando só

que não deu tempo. (...) Parece que os caras deram uma voadeira na moto e derrubou os dois.”

“Uma hora eu vou apanhar porque eu encaro os caras demais. Porque eu passo assim, aí os caras passam me encarando e eu não dou conta de virar o olho. Eu também encaro assim de novo. É assim que começa. Os caras: nossa, o que ele tá me olhando? Eu vou lá bater nele. E já querem ser os doidões na frente dos outros. Já chega e já bate. O que foi? Não, é que o cara é um folgado, fica me encarando, passa perto de mim e fica me encarando. Ele está pensando o que? Ele é doido. Ele tem que passar de cabeça baixa. É tipo assim: eu sou o rei e você é um fulano. Você tem que passar de cabeça baixa perto de mim. Quando nenhum dos dois abaixa a cabeça eles vão resolver quem é o cara na briga. Aí eles vão ver quem é o doidão.”

“Pelo fato dele ser de torcida já é uma boa coisa pra ter uma briga. É um motivo a mais.”

“Hoje é culpa de cada um. Cada um faz a sua parte, essas coisas. Eu acho que a violência hoje é culpa de todo mundo que pratica. Se ele quer bater no cara, isso veio dele. Ele quer ser o doidão. Ele é o culpado, ele é o responsável por aquilo. É da pessoa, vem da pessoa mesmo. Isso de querer ser violento, de querer ser o tal, vem da pessoa mesmo.”

“Se for acontecer na frente dos outros, eu acho que a maioria das coisas vão ser resolvidas na violência. Vamos supor, o cara fez isso comigo. Se eu não fizer nada com ele aqui e agora, perto dos outros, os caras vão achar que eu sou um bostão. Então eu tenho que fazer alguma coisa com o cara. Vamos supor, bateram boca e não tirou o cara, não deixou o cara calado. O cara ainda continuou lombrando. O cara quis correr mas o outro continuou lombrando. Uai, então eu vou rumar nesse cara aqui e vou ver de qual é. Já parte para a violência. Isso por causa das outras

peessoas. Porque se estiver sozinho o cara corre, é mais de boa, ninguém está vendo, ninguém vai provar. Na hora que estiver na frente ele faz alguma coisa ali, sei lá, dá uma de grandão pra cima do cara.”

“(se matar uma pessoa) ele é considerado mais tora ainda. Nossa, ele matou o cara, o cara é sangue frio, o cara é doidão. Não pode vacilar com ele não. Os caras já ficam com medo de mexer com ele já. Se eu vou ali e mato um, ninguém vai querer mexer comigo. (...) Mas esses caras que matam, que dão tiro, você já pode saber que eles não tem muito tempo de vida. Se ele não for considerado mesmo, considerado mesmo, ele não tem muito tempo de vida. Vai vir alguém e vai matar ele.”

“Hoje aqui, você não vê ninguém com a camiseta do Esquadrão (torcida do Vila Nova) aqui no Parque Ateneu. Só os caras da Força Jovem (torcida do Goiás). (...) Tem muitos caras que usam, mas os caras já sabem que o cara é de boa, curtem o Vila Nova, usam a camiseta do Esquadrão porque acham bonita. Usam mas os caras já sabem que é de boa. Não é com todo mundo que eles chegam e falam: passa a camiseta. Tem uns caras que são mais de boa, eles já sacam e deixam mais tranqüilo”.

“Os caras podem quietar, vão ficando mais velhos: agora eu não posso fazer fita (roubar) não porque senão a casa cai pro meu lado. Porque a maioria que faz fita é de menor. Tem muitos caras aí das antigas que antes faziam fita e hoje em dia estão mais de boa. Hoje mesmo é uma geração mais nova que estão fazendo essas coisas. (...) Os caras pensam: eu não vou ser preso mesmo, eu vou meter as caras e depois minha mãe vai lá e tira eu de lá. Ela não vai deixar eu lá mesmo. É sempre assim.”

O relato deste adolescente nos permite importantes inferências acerca da dinâmica da violência no universo deste sujeito. Nota-se no início da entrevista que o

sujeito entrevistado apresenta uma percepção da violência como algo, a princípio, negativo, “errado”, mas que é normal, faz parte do cotidiano. A face negativa da violência é substituída ao longo da entrevista por um discurso que coloca a violência como algo banal, como um recurso possível e válido, como algo esperado.

Diante de um conflito, a violência aparece como uma possibilidade natural e como uma via normal de resolução, como fazendo parte de uma norma social. Pode-se perceber que, segundo o relato, nenhum dos atores parece esboçar outra possibilidade de resolução do conflito que fuja ao uso da violência em seus diferentes níveis.

É interessante notar que a maioria dos conflitos descritos começa no momento em que um sujeito tenta afirmar-se “superior” através de uma imposição sobre o outro. Cria-se assim um contexto de competição e disputa onde cada um tenta ser mais forte, “ter mais atitude”, “ser mais doidão” que o outro. A possibilidade de não violência limita-se a uma não reação do sujeito submetido, ou seja, um reconhecimento da superioridade do outro.

Com relação aos conflitos ligados à pichação, pichar a casa do outro, ou seja, ‘invadir o território rival’, surge como uma forma de afirmação de superioridade diante dos colegas. O fato de pichar o “apelido”, isto é, o nome na qual o sujeito é reconhecido em seu grupo de iguais (grupo de pichadores) parece confirmar a hipótese de uma necessidade de reconhecimento, de auto-afirmação.

No relato sobre o desenvolvimento da situação conflituosa até a emergência de uma violência física, nota-se um uso gradativo da violência. O conflito começa, por exemplo, com uma pichação que é seguida de uma ameaça, posteriormente surge um empurrão que evolui para uma “porrada” e assim sucessivamente. A agressão sofre uma escalada que, aparentemente, só é interrompida com a intimidação de um dos

atores envolvidos ou com a sua morte. Assim, aquele que se impõe sobre o rival adquire poder e status dentro do grupo, torna-se objeto de admiração e medo, enfim, assume uma posição desejada por todos no grupo. Por outro lado, aquele que é submetido, que tenta fugir do conflito ou resolve-lo sem utilizar o recurso da violência é visto como fraco, e inferior.

Nota-se que, de uma forma geral e nos mais diferentes contextos, o ato de encarar é visto como uma tentativa de imposição. Impõe aquele que não se submete, “que não abaixa a cabeça”. Caso não haja submissão por nenhuma das partes o embate pode ser resolvido através da violência física. Novamente nota-se um crescente de agressividade e violência que vai de um nível simbólico e alcança um nível físico, onde o ultimo estágio é a morte.

Nos casos de violência entre torcidas organizadas e entre bairros essa dinâmica parece se repetir. Fazer parte do Inferno Verde (torcida do Goiás) ou do Esquadrão (torcida do Vila Nova), ou ainda, ser morador do Parque Ateneu ou do Setor Vera Cruz, delimita a pertença grupal e serve como motivação para iniciar um conflito.

Sabe-se que durante a adolescência o grupo de iguais apresenta grande importância e exerce grande influência sobre o sujeito. Neste período o sujeito identifica-se com o grupo ao qual pertence e a busca de reconhecimento pessoal frequentemente tem o grupo como viés. O grupo é para o sujeito um espaço de reconhecimento em meio a uma sociedade fortemente excludente. Nesse sentido, a afirmação da própria torcida como sendo forte e superior é uma forma de auto-afirmação do sujeito e de busca de reconhecimento.

Esta leitura torna-se uma possibilidade de explicação para conflitos em que uma pessoa é vítima de violência simplesmente por estar vestindo uma camiseta do time rival ou por ser morador de um outro bairro. A subjetividade do sujeito é

desconsiderada e em seu lugar o agressor percebe apenas a figura de um rival. Ao que parece existe um modelo que se repete nos diferentes casos de violência intergrupos.

A partir da entrevista percebe-se que as torcidas organizadas, assim como a maior parte dos grupos de jovens, possuem regras, códigos e normas que lhe são próprios. A adesão dos participantes é o que proporciona a coesão e o fortalecimento do grupo. Assim, a não participação de um integrante da torcida em uma situação violenta de disputa com outro grupo, por exemplo, significa um não reconhecimento, um não pertencimento efetivo dentro do grupo.

É interessante notar que alguns integrantes de torcidas aparecem como ‘imunes’ à violência da torcida rival. Eles são considerados “de boa”, “tranqüilos”, e por isso são poupados da violência da torcida rival. Ao que parece, os diferentes grupos compartilham normas e códigos que permitem este ‘trânsito livre’ por parte de alguns integrantes.

Outro ponto que merece atenção é que, mesmo relatando vários episódios de violência no bairro e no contexto escolar, estes locais não são vistos pelo entrevistado como sendo violentos. Ao que parece este é mais um reflexo da banalização da violência. A escola é relatada como sendo palco principalmente de confrontos interpessoais e intergrupais originados fora deste contexto. Situações onde o aluno xinga e ofende verbalmente o professor não são consideradas como violentas, mas sim como algo normal, esperado e sem grandes repercussões.

Vale notar que este sujeito relata ter convivido com a violência doméstica durante parte de sua infância, assim como vários sujeitos entrevistados no Estudo 1. Esta constatação nos faz pensar na dimensão da repercussão dessa experiência na

vida destes adolescentes, e nos leva a questionar em que medida estas experiências infantis participam de suas atuais representações de violência.

Por fim, o adolescente entrevistado demonstra acreditar que a violência apresente alguma relação com a idade de modo que os mais jovens estariam mais propensos a se envolverem em situações de violência uma vez que acreditam estar protegidos pela lei. Assim, em sua percepção, haveria uma rotatividade de forma que os mais velhos iriam, gradativamente, abandonando o recurso da violência, enquanto que os mais jovens aos poucos assumiriam este recurso.

3.2.2 - Estudo de caso 2

Segue abaixo trechos da entrevista realizada com o segundo adolescente. A partir dos trechos selecionados, buscou-se uma compreensão dos elementos normativos e subjetivos presentes no relato.

“Esses tempos atrás eu vi um assalto, ele atirou em um rapaz. Eu não sabia que ele estava armado nem nada. A gente estava lá no Bueno, voltando de uma festa. Aí passou um, acho que era gringo. (...) usando anel de ouro que chamava bastante atenção, colar. Aí ele pegou e tirou a arma e foi pra cima dele. Aí ele não quis e reagiu. Ele não falou nada e foi pra cima dele. Aí ele deu um tiro nele e roubou ele todinho.”

“(...) com certeza o rapaz chamou a atenção dele porque ele tem e o meu colega não tinha. Sei lá. Eu acho que playboy é folgado. Tipo assim, a gente fica no nosso canto e impõe as nossas leis, tipo assim e tal. A gente não tem nada contra. Mas quando você vai no shopping, você senta lá assim, os caras ficam olhando pra gente assim

de um jeito diferente. (...) Aí eles começam a encarar. É encarar, assim. (...) Aí eles começam a encarar assim, a gente não gosta aí a gente cria rixa. Com eles.”

“É desde o início, quando a gente chega no shopping, já tem aquele olhar desde pra cima da gente. A gente, tipo assim, vai assim nas lojas pra ver o que tem de novo só que a gente não tem condições de comprar. Só que eles já tem o que a gente não tem e já querem impor que são melhores que a gente. Eles começam a olhar de um jeito assim que está lá em cima. Pra nós não tem isso não. Eles tentam se impor pra cima da gente. Eles tentar ser os melhores, sempre eles querem estar em cima da gente. (...) Aí a gente reage com violência. (..) Eles não. Eles têm medo. (...) Quando eles ouvem Parque Ateneu, para eles, eles já sentem um medo já. (...) Até os policiais pensam assim. Estão sempre abordando a gente e tal.”

“(...) nós saímos daqui do nosso setor pra ir pichar o deles. Anula o deles. Se você fez um desenho lá, a gente vai lá e rabisca e escreve o nosso lá embaixo. Pra eles é uma rixa. (...) No dia que a gente estava na Redenção semana passada. A gente estava lá pichando e o carinha passou de moto e deu uns tiros na gente. E a gente também estava armado. Eles deram os tiros e a gente saiu correndo. Não pegou em ninguém não. Aí eram três pessoas armadas e nós três armados. Aí nós descemos e continuamos pichando lá na Redenção. Só que aí passou um carro lá. Aí eles passou lá fora e começou a mostrar a arma deles e nós demos uns tiros nos caras. (...) É confusão mesmo de intriga de pichação mesmo, de quem tem mais poder, que setor tem mais poder, que setor tem mais boca de fumo e tal.”

“É uma questão de impor nosso, tipo assim. (...) É de impor que nós somos maiores que eles e eles têm que respeitar. Quando a gente chegar em qualquer lugar tem que respeitar. Porque é igual lá no Santa Cruz. O povo do Santa Cruz chega aqui e todo mundo respeita. Todo mundo respeita. Na hora que eles chegam aqui todo mundo se

esconde já, de respeito. E tem que ter respeito. Eu acho que em tudo tem que ter respeito.”

“Eu não curto muito falar assim pra ninguém assim: vai lá e assalta, faz isso. A gente faz isso porque a gente precisa. Porque playboy tem tudo o que quer, a gente não tem. Eles têm o serviço que quer melhor. Eles vão no shopping lá e conseguem serviço (emprego) bom lá. A gente não. A gente tem que colocar serviço assim. Eles querem falar assim que eles têm um serviço melhor e a gente tem que ficar assim, com tipo pedreiro e tal, só serviço mais pesado.”

“Porque na maioria das vezes assim que a gente vai a algum lugar, as pessoas zombam. Assim, zombam: olha lá os malas, olha os maloqueiros, olha os calça largas. Aí quando a gente conversa assim, eles tipo assim, eles erguem a voz mais que a gente. Tipo assim, teve uma vez que a gente brigou no shopping Flamboyant. Dentro do shopping. (...) E nós não estávamos olhando não, nós estávamos na nossa lá. Aí o carinha ergueu a voz assim e o colega meu só deu um murro nele assim. Ele já caiu e a galera começou a brigar. Aí é tipo assim, acho que é mais a adrenalina, sei lá.”

“Sou sim, sou do Esquadrão (torcida do Vila Nova). (...) Só que aí a Força Jovem (torcida do Goiás) é maior e a do Vila não aceita. Aí sempre tem rixas assim entre jogos que o Vila ganha e que o Goiás não gosta, eles vão no setor deles onde tem mais vilanovense e vão brigar. Em estádio mesmo assim começam os palavreados de torcidas, os meninos xingando assim, aí já gera um conflito.

“Já chega dando porrada. É assim, é igual assim, nós não gostamos de Goiás. Aí na hora que a gente chega em algum lugar assim, se está com a camiseta da Força Jovem, para nós não interessa. Não interessa se ele é de boa ou se não é. O que

interessa pra nós é que ele é da Força e nós somos do Esquadrão, então nós temos que bater nele. É porque é uma rixa desde muito tempo. É antiga.”

“Corre o risco deles me pegarem. (...) Aí ele me pega. Aí se o cara me pega aqui, aí eu pego ele amanhã. É assim que gera violência. Pra nós aqui, violência gera violência. Você me bate aqui, amanhã eu vou lá e te bato, te mato.”

“Ele pensa que por estar numa farda ele pensa que é Deus, só porque esta numa farda. Mas ele não pensa lá fora. Qualquer colega aqui sabe onde ele mora e tal. (...). Só porque ele está numa farda ele pensa que é mais que os outros? (...) Policial é tudo folgado. Meu pai é policial, né? Eu falo pro meu pai: policial é tudo folgado. Se você está num lugar e eles vêem que você não está com nada eles começam a dar tapa e tal. (...) Porque tem muito policial aí que eu acho que eu confio mais no bandido que no policial.”

“Aqui é um bairro violento. Você pode ver que o povo fala que o Parque Ateneu é um bairro violento.”

“O que não falta aqui é violência dentro da escola. (...) Assim, igual teve pichação. Um colega meu pichou ali e o outro foi lá e anulou a pichação. Aí ele pegou e foi tomar providência. Foi perguntar o que ele tinha feito e tal. Aí ele pegou e no dia do interclasse nós falamos que íamos bater neles. Nós pegamos e batemos neles tudinho. Mas aí eles são de boa, eles não mexem com a gente mais não.”

“Torcidas e rixas entre os alunos de outras salas. Eu mesmo tenho rixa com um cara ali da outra sala. Eu fico na minha, mas se algum dia ele quiser trocar pancada comigo eu já falei pra ele.”

“(violência entre alunos e professores) sempre tem. Eu tenho problema com a professora de inglês. Eu me seguro pra eu não bater na professora. Eu me seguro. Porque ela, tipo assim, ela é folgada mesmo. Ela passa a tarefa lá e fala: faz esse

trem aqui, isso assim e não sei o que. Aí teve um dia lá que um cara jogou um papel nela e ela pensou que fui eu. E ela foi aqui na coordenação e falou que fui eu. Eu cheguei e falei na frente do policial: a senhora é muito folgada, professora. Aí eu levantei. Aí o policial veio colocando a mão em mim assim aí eu tirei assim. (...) Eu acho que eles têm raiva do lugar onde eles trabalham. Do lugar, do ambiente, das pessoas e tal. Eu acho que essa escola aqui, aluno que fica de fora da sala porque professor não sabe interagir com os alunos.”

“(...) meu pai batia na minha mãe. Aí desde o início a gente era assim rixado com o meu pai, mas depois passou. Eu acho que eles se separaram quando eu tinha 6 anos, tem muito tempo. (...) Naquela época meu pai pegava o violão e batia na cabeça da minha mãe. Eu via tudinho. Eu acho que isso daí é por causa da bebida. Meu pai bebia na época. Meu pai bebia e batia na minha mãe. (...) Todo mundo que bebe perde o controle. Eu já perdi o controle bebendo. Eu acho. Porque quando você bebe, você não está nem aí, você faz coisa que você não imaginava que você fosse fazer. (...) Porque sempre que alguém está bêbado, não sabe o que fez e tal. Perde o controle. E a pessoa fica nervoso mais rápido. Não tem esse que bebe e não fica mais rápido nervoso e tal.”

“Entre a nossa galera não, nunca houve. Brincadeiras legais que a gente faz um com o outro e nenhum não apela não. São brincadeiras de mão, de chute. Porque tudo o que a gente faz a gente leva na brincadeira. Se um vai lá e está fazendo tarefa, igual a gente faz lá na sala. A gente está fazendo a tarefa e um chega com o caderno e toma na cabeça. Não tem importância. Eu rio pra ele e continuo fazendo a minha tarefa. (...) Porque na hora que eu te dou liberdade, você pode fazer, mas quando eu não te dou aí já é outra coisa.”

“(para diminuir a violência) eu acho que deveria fazer o seguinte, a formação de grupos culturais. Porque eu acho assim que o governo não dá chance pra gente. Igual eu canto rap. A gente não tem a chance de gravar o Cd, a gente grava música mas nosso Cd, a gente não tem grana pra gravar o Cd. (...) Tem talento mas não tem ninguém (...)”

O relato deste adolescente nos acrescenta importantes informações acerca da participação de elementos da estrutura social desigual na dinâmica da violência, assim como nos permite inferir elementos subjetivos relacionados à violência no universo adolescente.

Durante a entrevista é possível perceber a grande proximidade que o adolescente apresenta em relação à violência e à criminalidade. Sua participação em episódios de roubos, assaltos à mão armada, pichações e violência praticada contra integrantes de torcidas rivais é relatada de forma bastante natural e sem qualquer tipo de intimidação. Ao que parece, a confiança no sigilo por parte da pesquisadora permitiu ao sujeito falar abertamente de sua participação em episódios que, em outras situações, deveriam ser mantido em sigilo.

A fluência e liberdade com que o sujeito apresenta na entrevista sugerem também que, repetindo a dinâmica que ele apresenta em suas relações interpessoais, ele buscasse uma afirmação de força e de coragem através da exaltação de sua participação nos eventos violentos. Assim, nos contextos intergrupais, o adolescente buscaria autoafirmar-se por meio de comportamentos violentos contra ‘rivais’, enquanto que, no contexto de entrevista, o sujeito buscaria autoafirmar-se via exaltação gloriosa de sua participação em episódios de violência.

A face da banalização da violência mostra-se presente nesta entrevista principalmente na facilidade com que a violência surge como recurso adequado para a resolução de um conflito, na banalidade das justificativas que estão por trás do comportamento violento, na carência de elementos afetivos presentes nos relatos e ainda na naturalização do uso e acesso à arma de fogo pelos jovens. Aqui a arma é apresentada como um instrumento comum aos adolescentes, sendo utilizada pela maioria dos integrantes do grupo.

A estrutura social injusta e desigual aparece como um dos elementos centrais de justificativa para o uso da violência. Segundo esta concepção, a violência utilizada em uma situação de assalto é válida uma vez que o sujeito que pratica esta violência precisa roubar para ter acesso aos bens de consumo que são objetos de desejo dos jovens, as coisas da moda.

Ao relatar o assalto a um jovem de classe média alta, a dimensão da desigualdade social ganha grande destaque. O entrevistado percebe a diferença das suas condições de vida em relação aos jovens do “Setor Bueno”, e demonstra que estes jovens são vistos não apenas como diferentes, mas como estando em uma situação vantajosa e que, por isso, pode até serem vistos como inimigos.

Em vários momentos os “playboys” são alvo de grande raiva resultante da exclusão social, são considerados inimigos, como se fossem a causa direta das humilhações dos jovens das periferias. Estes jovens personalizam a dimensão social e culpabilizam os jovens que apresentam uma posição privilegiada nesta estrutura social injusta.

Nota-se nos relatos a repetição de uma dinâmica de competição interpessoal e intergrupala. Os jovens pertencentes a uma classe social privilegiada são vistos também como tentando se impor sobre os outros, tentando ser superiores através do

poder aquisitivo. Novamente, há uma disputa de poder entre os grupos, de modo que um grupo tenta ser superior através do poder aquisitivo e acesso aos bens de consumo “do shopping”, enquanto que o outro grupo tenta ser superior através do uso da força, da violência, da arma.

Ao longo da entrevista o sujeito reafirma constantemente a superioridade de seu grupo. Isso é percebido, por exemplo, no destaque dado ao medo que algumas pessoas sentem em relação ao “Parque Ateneu”. Nesse sentido, o sujeito apresenta a existência de uma hierarquia de poder, construída com base na violência. Nesta estrutura hierárquica, os “playboys do shopping estariam no nível mais inferior, os jovens do “Parque Ateneu” estariam um nível superior e, acima destes, estariam os jovens do “Santa Cruz”. Estes últimos seriam dignos de “respeito” que, neste contexto, parece ser sinônimo de ‘temor’.

Um elemento que chama bastante atenção nesta entrevista é a força dos argumentos da sociedade de consumo sobre os jovens. A impossibilidade de acesso ‘às coisas que vendem no shopping’ é percebida como algo muito danoso ao sujeito e que justificaria a utilização de meios violentos para reverter esta situação. Nesse sentido, temos por um lado uma sociedade de consumo cada vez mais apelativa, imediatista e individualizante, onde o sujeito é aquilo que possui ou aparenta ter. Por outro lado, temos uma estrutura social extremamente desigual, injusta e danosa ao sujeito, impossibilitando-o de ter acesso aos bens que, para ele, possuem grande importância. Diante dessa situação o recurso da violência surge como possibilidade de resolução do impasse.

Por trás desse discurso de caráter social, podemos perceber que a posição do sujeito em questão é uma posição alienada. Ele só é sujeito ao ‘ter’ algo, ao possuir aqueles bens de consumo. Além disso, a alienação do sujeito é percebida quando ele

não se reconhece no ato violento, ele não se vê responsável por estes atos. Assim, seus comportamentos são atribuídos à estrutura social desigual e ele fica destituído da responsabilidade de seus atos.

Com relação à origem e evolução do conflito, temos neste relato a reafirmação da dinâmica apresentada pelo primeiro adolescente entrevistado. Aqui os sujeitos envolvidos nos conflitos são descritos como possuidores uma necessidade de auto-afirmação, e esta se dá através da comprovação de superioridade diante do outro. Assim, no encontro entre dois jovens, a troca de olhares pode significar uma provocação, um início de conflito que apresentará um crescente de agressividade até que haja a imposição de um ator sobre o outro. Nota-se aqui que este mecanismo encontra-se presente tanto nos casos de violência interpessoal, como nos casos que envolvem grupos.

É interessante notar que as “brincadeiras de mão, de chute” são naturalmente aceitas entre os integrantes do grupo sem que isso seja percebido como uma atitude violenta. O comportamento, o ato agressivo em si, quando fora de um contexto de competição, de disputa, de tentativa de imposição, é visto como aceitável e fazendo parte da convivência entre amigos.

Outro aspecto que chama atenção nesta entrevista é o não reconhecimento da autoridade. O adolescente entrevistado percebe a autoridade como uma tentativa de imposição da vontade do outro e, portanto, tem dificuldades em aceitá-la. Desse modo, a autoridade do policial, dos professores e das próprias leis da sociedade é questionada e frequentemente desafiada pelo jovem.

Durante a entrevista o sujeito afirma perceber o bairro onde mora e a escola que frequenta como locais violentos. Nota-se aí uma diferença de discurso entre os dois sujeitos entrevistados. Enquanto o primeiro adolescente abordado neste estudo

apresenta um discurso politicamente mais correto, o segundo adolescente apresenta a violência de forma mais valorizada e estetizada. Vale apontar, contudo, que apesar das diferenças, as visões dos dois sujeitos são estruturalmente parecidas, tendo a violência como elemento de destaque.

Um ponto em comum entre os dois adolescentes entrevistados refere-se à infância marcada pela violência doméstica, particularmente do pai contra a mãe. Apesar de não ser o foco central desta pesquisa, a grande incidência deste tipo de vivência infantil na história de adolescentes que se envolvem com contextos violentos sugere a existência de um mecanismo psíquico de naturalização e reedição dessas experiências. A violência é algo que faz parte da história destes jovens e que, portanto, é natural que continue presente ao longo da vida.

Por fim, ao apontar a formação de grupos culturais como uma possível forma de prevenir a violência, o adolescente pesquisado reafirma a necessidade de reconhecimento e valorização do jovem. A falta de apoio e reconhecimento do talento artístico dos jovens da periferia torna-se um reflexo da exclusão e do não reconhecimento do jovem (principalmente os menos favorecidos) na sociedade. Assim, a não violência seria possível via valorização e inclusão dos jovens, por exemplo, através da cultura.

Considerações Finais

Os esforços empreendidos nesta pesquisa objetivaram compreender a representação social da violência elaborada por adolescentes e a participação destes nos episódios violentos. Nesse sentido, a partir do conjunto de dados obtidos através de entrevistas com adolescentes, buscamos aprofundar alguns aspectos do campo comum da representação social da violência e o papel ativo que estes sujeitos desempenham enquanto agentes desse fenômeno.

O conjunto de dados obtidos nesta pesquisa nos revela importantes elementos do sistema simbólico e representacional da violência que organizam e orientam as práticas e julgamentos dos adolescentes acerca deste fenômeno. Além disso, pudemos conhecer elementos que atuam na origem e desenvolvimento do episódio violento e a participação do sujeito enquanto tal nos eventos que envolvem os adolescentes.

Segundo dados obtidos nesta pesquisa, a violência caracteriza-se como fenômeno de grande destaque na vida cotidiana dos adolescentes estudados, permeando suas relações sociais em diferentes contextos tais como a escola, a família, o bairro e os espaços públicos em geral. Os sujeitos demonstram grande proximidade com os episódios de violência que envolvem amigos, familiares, colegas ou eles próprios; ao mesmo tempo o discurso sugere uma incorporação desses episódios à realidade, uma naturalização desse fenômeno.

A violência aparece como um fenômeno assimilado ao cotidiano e frequentemente percebido como uma “fatalidade”, “algo que acaba acontecendo”, um fenômeno comum, corriqueiro, e comumente desencadeado por motivos banais. Esse tipo de representação faz com que os sujeitos associem a violência

preferencialmente às situações que envolvem agressão física ou morte. Assim, a violência é reconhecida enquanto tal principalmente em contextos marcados por níveis mais elevados de agressão (por exemplo, a violência física e morte).

Podemos notar neste estudo o reconhecimento por parte de alguns sujeitos da banalidade e irrelevância dos motivos desencadeadores dos episódios violentos. Há por parte destes um discurso em que a violência é percebida como algo negativo e que poderia ser evitada. Contudo, o comportamento violento é considerado legítimo e justificável em algumas situações, sendo inclusive esperado em certos contextos, como fazendo parte de uma norma social.

Os dados obtidos nesta pesquisa também apontam para a existência de um discurso que sugere a violência como algo inerente às relações interpessoais. Isto equivaleria a pensar que é da ‘natureza’ das relações interpessoais produzir violência. Essa percepção da violência como algo “natural”, “que acaba acontecendo” nas relações entre as pessoas, vai ao encontro das concepções de Tavares dos Santos (1999; 2002; 2004) e Silva (2004) acerca da existência de um modelo de sociabilidade marcada por padrões violentos de convivência. Trata-se de um modelo de interação social verificado na atualidade que perpassaria diferentes contextos.

Segundo essa perspectiva, alguns grupos constroem padrões de sociabilidade onde as conflitualidades encontram espaço privilegiado para sua emergência. Diante da crise das instituições socializadoras, da fragilização e fragmentação dos laços sociais, e do incremento dos processos excludentes impulsionados pelas mudanças verificadas na modernidade, modelos de relação interpessoal construídos na e pela violência convivem lado a lado com os modelos de sociabilidade regulados pelo Estado e construídos com base nos padrões civilizatórios. Nesse sentido, segundo

Silva (2004) “não há luta, mas convivência de referências, conscientes ou pelo menos claramente ‘monitoradas’, a códigos normativos distintos e igualmente legitimados, que implicam a adoção de cursos de ação divergentes” (p.73).

Os dados também apontam para um reconhecimento da força enquanto valor social. A capacidade de um ator social de impor as suas vontades, expectativas e necessidades sobre as vontades e necessidades de outro ator é admirada e reconhecida como positiva por parte dos adolescentes. Trata-se de uma valorização da força, que pode usar ou não a agressão física como recurso de imposição. Ao que tudo indica, a atitude impositiva seja ela caracterizada como coerção ou marcada pela agressão, é valorizada no meio social pesquisado. Assim, o uso da força física ou ainda o uso de armas de fogo aparecem como importante recurso de imposição e afirmação de força.

De um modo geral, os episódios de violência envolvendo adolescentes descritos pelos sujeitos dessa pesquisa têm início a partir de uma atitude impositiva por parte de um ator social sobre o outro. Trata-se de uma atitude que busca demonstrar força e poder e, conseqüentemente, adquirir reconhecimento dentro do grupo. Essa atitude impositiva pode manifestar-se através de uma troca de olhares, de uma pichação, de um gesto, de uma ordem, de um xingamento, enfim, de inúmeras formas.

Ao que parece, a não aceitação da imposição promove uma disputa entre os atores que, na maioria das vezes, tem início em um nível simbólico e que pode alcançar a dimensão física. Essa mesma escalada acontece em relação ao nível de agressividade da violência física.

Uma vez iniciado o conflito, este só é interrompido através da intimidação (submissão) de uma das partes e a afirmação de superioridade do outro. A tentativa

de resolução do conflito através de uma via 'não violenta' comumente é descartada por ser considerada uma forma de submissão. A utilização da força física (e através do uso de armas) como forma de imposição é valorizada e parece fazer parte de uma norma social deste grupo.

Nesse sentido, a violência não configura uma expressão do excesso do irracional, ou ainda uma ruptura no fluxo da interação e do conflito. Ela constitui uma etapa para a qual se pode evoluir caso duas "vontades" (forças) se confrontem sem que uma se submeta a outra.

Outro ponto que merece destaque é o papel ativo do sujeito em um contexto onde a violência é valorizada. Apresentando uma noção de sujeito a partir da capacidade de construir-se a si próprio, de proceder a escolhas e de produzir sua própria existência, Wieviorka (2004) aponta, contudo, que sua existência se faz a partir da capacidade de viver plenamente as relações sociais, sendo estas permeadas por normas e padrões destituídos de escolhas.

Assim, a adesão ou não do sujeito à violência parece carregar a marca de uma subjetividade. Segundo este autor, a violência pode ser compreendida a partir de uma recusa de subjetividade, de um não reconhecimento que contribui para a construção de uma subjetividade também impossível ou infeliz. Os dados obtidos parecem, portanto, estar de acordo com a perspectiva de Wieviorka (2004) em que a violência surge como uma expressão de subjetividade do sujeito, ao mesmo tempo em que engendra uma negação da subjetividade. Desse modo, pode-se pensar em uma ausência de julgamento e na existência de um desejo de impor minha vontade, de ser reconhecido.

Por fim, longe de apresentar formulações conclusivas acerca do sistema simbólico e representacional da violência elaborado por adolescentes e de sua

participação enquanto sujeitos em eventos violentos, este trabalho aponta para a necessidade de pesquisas posteriores no sentido de elucidar questões referentes às dimensões de gênero e faixa etária, à inserção do sujeito enquanto tal em um padrão de sociabilidade violenta, dentre várias outras.

Referências bibliográficas

- Aberastury, A. & Knobel, M. (orgs.) (1992). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abramovay, M. & Rua, M.G. (2002) *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO.
- Abramovay, M; Waiselfisz, J.J.; Andrade, C.C. & Rua, M.G. (2004). *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Abric, J.C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. Em A.S.P. Moreira & D.C. Oliveira (orgs.) *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. (p. 27-38) Goiânia-GO: AB Editora.
- Abric, J.C. (org.) (2001) *Prácticas sociales e representaciones*. México: Ediciones Coyacón.
- Adorno, S. (2002). Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*. 4(8), 84-135.
- Adorno, S.; Bordini, E.B.T. & Lima, R.S. (1999). O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. *São Paulo em Perspectiva*. 13(4), 62-74.
- Arpini, D.M. (2003). *Violência e exclusão: adolescentes em grupos populares*. Bauru: EDUSC.
- Birman, J. (1999). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Campos, P.H.F. (2003a). A abordagem estrutural e o estudo das relações entre práticas e representações sociais. Em P.H.F. Campos & M.C.S. Loureiro. *Representações Sociais e Práticas Educativas*. (p.21-36). Goiânia-GO: Ed. da UCG.

- Campos, P. H. F. (2003b). O estudo das relações entre práticas e representações. *Estudos: Vida e Saúde*. 30(1), 51-60.
- Campos, P.H.F. (2003c). *Violência na exclusão simbólica da adolescência*.
- Campos, P.H.F. & Guimarães, S.P. (2003). Representações de violência na escola: elementos de gestão simbólica da violência contra adolescentes. *III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*. Rio de Janeiro-RJ: UERJ.
- Campos, P.H.F.; Torres, A.R.R. & Guimarães, S.P. (2004) Sistemas de representação e mediação simbólica da violência na escola. *Educação e Cultura Contemporânea*. 1(2), 109-132.
- Clémence, A.; Rochat, F.; Cortolezzis, C.; Dumont, P.; Egloff, M.; Kaiser, C.; (2001). *Scolarité et adolescence: les motifs de l'insécurité*. Stuttgart, Bern, Wien: Haupt.
- Costa, J.F. (2003). *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal.
- Costa, M.R.(1999). A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira? *São Paulo em Perspectiva*. 13(4), 3-12.
- Dadoun, R. (1998). *A violência: um ensaio acerca do "homo violens"*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Dimenstein, G. (1995). *O cidadão de papel*. São Paulo: Ática.
- Flament, C. (2001). Estrutura e dinâmica das representações sociais. Em D. Jodelet (org.) *As Representações Sociais*. (p.174-184). Rio de Janeiro-RJ: Ed.UERJ.
- Flick, U. (2000). Entrevista episódica. Em M.W. Bauer & G. Gaskell. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. (114-136). Petrópolis: Vozes.

- Freud, S. (1930/1993) O mal-estar na civilização. Em *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. (p.73-148). Rio de Janeiro: Imago.
- Giddens, A. (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Gonçalves, H.S. (2003) *Infância e violência no Brasil*. Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. Em D. Jodelet (org.) *As Representações Sociais*. (p.19-44). Rio de Janeiro-RJ: Ed.UERJ.
- Jovchelovitch, S. (2000). *Representações Sociais e a esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Junqueira, M.F.R. (2003). *Representação social da violência doméstica contra crianças e adolescentes*. Dissertação de mestrado não publicada. UCG: Goiânia.
- Knobel, M. (1992). A síndrome da adolescência normal. Em A.Aberastury & M. Knobel (orgs.) *Adolescência normal*. (24-62). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kronberger, N. & Wagner, W. (2000). Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. Em M.W. Bauer & G. Gaskell. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. (416-441). Petrópolis: Vozes.
- Lasch, C. (1983) *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em declínio*. Rio de Janeiro: Imago.
- Levisky, D.L. (org.) (1997). *Adolescência e violência: conseqüências da realidade brasileira*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Levisky, D.L. (org.) (1998). *Adolescência pelos caminhos da violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Melman, C. (1999). O que é um adolescente? Em Congresso Internacional de Psicanálise e suas conexões (org.) *O adolescente e a modernidade*. (21-36). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Michaud, Y. (2001) *A violência*. São Paulo: Ática.
- Moscovici, S. (1994). *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro-RJ: Zahar Editores.
- Moscovici, S. (2003a). Porque estudar representações sociais em Psicologia? *Estudos: Vida e Saúde*. 30 (1). 11-30.
- Moscovici, S. (2003b). *Representações Sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Moser, G. (1991). *A agressão*. São Paulo: Ática.
- Oliveira, J.P. (2002). *Representação social da violência na escola*. Dissertação de mestrado não publicada. UCG: Goiânia.
- Oliveira, J.P. & Campos, P.H.F. (2003). Representação social da violência na escola em alunos e familiares. *III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira de Representações Sociais*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Osório, L. C. (1992). *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pereira, C.A.M.; Rondelli, E.; Schollhammer, K.E. & Herschmann, M. (2000). (orgs.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pinheiro, P. S. & Almeida, G. A. (2003) *Violência urbana*. São Paulo: Publifolha.
- Porto, M.S.G. (2002) Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. *Sociologias*. 4(8); 152-171.
- Ramos, F.P. & Novo, H.A. (2003). Mídia, violência e alteridade: um estudo de caso. *Estudos em Psicologia*. 8(3), 481-947.

- Rouquette, M. L. (1998). Representações e práticas sociais: alguns elementos teóricos. Em A.S.P. Moreira & D.C. Oliveira (orgs.) *Estudos interdisciplinares de Representação Social*. (p. 39-46). Goiânia-GO: AB Editora.
- Sá, C. P. (1996). *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Santos, M.F.S. (2004). Representações sociais e violência doméstica. Em L.Souza & Z.A. Trindade (orgs.) *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos*. (132-145). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sawaia, B.B. (2004) Uma análise da violência pela filosofia da alegria: paradoxo, alienação ou otimismo ontológico. Em L. Souza & Z.A. Trindade (orgs.). *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos* (p. 21-42). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Silva, L.A.M. (2004) Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*. 19(1), 53-84.
- Sorel, G. (1992) *Reflexões sobre a violência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Tavares dos Santos, J.V. (1999). Novos processos sociais globais e violência. *São Paulo em Perspectiva*. 13(3), 3-17.
- Tavares dos Santos, J.V. (2002). Violências, América Latina: a disseminação de formas de violência e os estudos sobre conflitualidades. *Sociologias*. 4(8), 16-32.
- Tavares dos Santos, J.V. (2004). Violências e dilemas do controle social nas sociedades da “modernidade tardia”. *São Paulo em Perspectiva*. 18(1), 3-12.
- Vala, J. (1996). As representações sociais no quadro dos paradigmas e metáforas da psicologia social. Em L. Camino (org.) *Conhecimento do outro e a*

construção da realidade social: uma análise da percepção e da cognição social. (p.120-159) João Pessoa-PB: Ed. UFPB.

Velho, G. (2000). Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. Em G. Velho & M. Alvito (orgs.). *Cidadania e Violência.* (p.11-25) Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV.

Velho, G. (2002). *Mudança, crise e violência: política e cultura no Brasil contemporâneo.* Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

Wieviorka, M. (1997) O novo paradigma da violência. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP.* 9 (1); 5-41.

Wieviorka, M. (2004) Pour comprendre la violence: l'hypothèse du sujet. *Sociedade e Estado.* 19(1), 21-51.

Zaluar, A. (1999). Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. *São Paulo em Perspectiva.* 13(3), 3-17.

Zaluar, A. (2000) A globalização do crime e os limites da explicação local. Em G. Velho & M. Alvito (orgs.). *Cidadania e Violência.* (p.49-69) Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; Ed. FGV.

Zaluar, A. & Leal, M.C. (2001) Violência extra e intramuros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* 16, 145-164.

Zaluar, A.; Noronha, J.C. & Albuquerque, C. (1994) Violência: pobreza ou fraqueza institucional? *Caderno de Saúde Pública.* 10 (1), 213-217.

Zimerman, D. (2001). A contribuição da dinâmica grupal na prevenção da violência na adolescência e nas comunidades. Em D. L. Levisky (org.) *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção.* (213-226). São Paulo: Casa do Psicólogo.